



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Monique Souza Santos

**Não se avexe não, fale!**

**Uma proposta de atividades sobre a diversidade linguística no espaço  
escolar**

São Gonçalo

2021

Monique Souza Santos

**Não se avexe não, fale!**

**Uma proposta de atividades sobre a diversidade linguística no espaço escolar**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Andréa Rodrigues

São Gonçalo

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

S236 Santos, Monique Souza.  
Não se avexe não, fale! Uma proposta de atividades sobre a diversidade linguística no espaço escolar / Monique Souza Santos. – 2021.  
91 f.

Orientadora: Profª. Dra. Andréa Rodrigues.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Linguística – Teses. 2. Bullying – Teses. 3. Identidade – Teses.  
I. Rodrigues, Andréa. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 4994 CDU 801

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Monique Souza Santos

**Não se avexe não, fale!**

**Uma proposta de atividades sobre a diversidade linguística no espaço escolar**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em 4 de setembro de 2020.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Andréa Rodrigues (Orientadora)

Faculdade de Formação de Professores - UERJ

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Iza Terezinha Gonçalves Quelhas

Faculdade de Formação de Professores - UERJ

---

Prof. Dr. Iran Nascimento Pitthan

Universidade Cândido Mendes

São Gonçalo

2021

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Antônio dos Santos (*in memoriam*) e Carmelita Souza Santos, que sempre se dedicaram para mostrar a mim e aos meus irmãos(Wagno Souza Santos e Luana dos Santos Silva) que o estudo é o melhor caminho para se trilhar na vida, a Anaclécia e Ana Beatriz dos Santos Moreira, que, além de filhas, são as minhas fontes de inspiração para seguir sempre adiante.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me deu forças para seguir mesmo diante das adversidades que nunca foram poucas.

Aos meus pais Antônio(*in memoriam*) e Carmelita, que sempre se dedicaram a mim e sempre demonstraram orgulho por minhas conquistas.

Às minhas filhas Anaclícia e Ana Beatriz, que nunca deixaram de acreditar em mim e que trazem nos olhos todos os motivos para eu sempre querer mais e no sorriso, a justificativa para a minha força constante.

Aos meus amados irmãos Wagno e Luana, meus cunhados Ângela Maria e André Fernando, meus sobrinhos Ana Carolina, Maria Eduarda, Matheus Antônio e Miguel Antônio por sempre torcerem por mim.

Aos meus estimados alunos e ex alunos da E.M. Victor Hugo e da E.M Aleksander Henrik Laks e da C.E. Victor Hugo que muito me inspiraram para a presente pesquisa.

À Professora Dra. Andréa Rodrigues, minha orientadora mais do que especial, que na hora em que mais precisei, foi solidária à minha dor, apoiou-me e conduziu-me sem duvidar da minha capacidade.

À Professora Dra. Iza Quelhas, que durante as suas aulas no Profletras mostrou-me o quanto a nossa origem é essencial em nossa caminhada.

À minha turma do Profletras (2019), edição mais do que especial que nunca largou a minha mão, aliás, nunca largamos a mão uns dos outros, conforme prometemos no começo das aulas.

Ao meu genro Vinícius Louredo, que muito me apoiou fazendo leituras, gravando áudios e revisando textos. Ao meu amado amigo João Paulo, que digitou a minha dissertação no período em que eu enfrentava a cegueira de modo que consegui qualificar a minha pesquisa.

À minha amiga irmã Deise Alves que buscou diversos meios para eu ler alguns materiais no momento no qual eu tinha apenas 20% da visão.

Ao meu amigo Jean Brum, que gentilmente ilustrou o meu caderno de atividades.

À minha amiga especial Marcela Martins, que sempre acreditou em mim, além de muito me ajudar com palavras de amor e incentivo.

Aos meus amados leitores Anaclícia, Ana Beatriz, Deise, Janaína Braga, João Paulo, Marcela Maíra e Vinícius, que foram os meus olhos em períodos de escuridão.

Ao Dr. Daniel Simões, o meu anjo oftalmologista, que na sequência de outros treze médicos, foi o primeiro que me deu esperança de voltar a enxergar e assim o fez com toda a sua dedicação e amor à profissão.

À minha amiga mais que especial Kátiuscia Lucas, que além de nunca me deixar sozinha de maneira alguma, apresentou-me o pai Thiago, seu esposo, e que muito têm me ensinado sobre a força da minha ancestralidade apresentando-me aos Orixás.

São os usos que fundam a língua, e não o contrário. Falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido em uma dada situação.

*Luiz Antônio Marcuschi*



## RESUMO

SANTOS, Monique Souza. *Não se avexe não, fale! Uma proposta de atividades sobre a diversidade linguística no espaço escolar*. 2021. 91 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

A presente pesquisa possui uma proposta de atividades que pode ser aplicada em diferentes contextos escolares, com o objetivo de despertar nos alunos a valorização das diferentes raízes linguísticas dos falantes, principalmente as raízes nordestinas em escolas das regiões Sul ou Sudeste do Brasil. O foco da discussão é o preconceito linguístico sofrido por muitos estudantes no contexto escolar ao se expressarem por meio de variedades linguísticas estigmatizadas em determinadas regiões e também em certos espaços sociais, a partir de atividades que proporcionem a reflexão sobre a variação regional presente nos diversos falares. Será, então, trabalhada a relação entre língua, sociedade e ensino. Esta é a realidade motivadora desse projeto. Para tanto, tomamos como aporte teórico principal as propostas da Sociolinguística (BAGNO, 2015; BORTONI-RICARDO, 2018; LUCCHESI, 2019; TARALLO, 2003); da História das Ideias Linguísticas (ORLANDI, 2013; MARIANI, 2016), da Sociologia da Educação (BOURDIEU, 1979), e da educação (SOARES, 1986).

Palavras-chave: Língua. Identidade. Nordestinidade. Preconceito linguístico. Bullying.

Ensino.

## ABSTRACT

SANTOS, Monique Souza. *Don't avexe, speak! a proposal for activities on linguistic diversity in the school*. 2021. 91 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

This research has a proposal for activities that can be applied in school contexts similar to the one we experience with students from 6th to 9th grades of Elementary School II in a municipal public school whose students make use of linguistic varieties capable of making the environment in a peculiar space to be analyzed. This proposal of activities aims to awaken in students the appreciation of their linguistic roots, especially the northeastern roots, focusing on the discussion of combating Linguistic Prejudice, suffered by many students in the school context when they express themselves through linguistic varieties stigmatized by society. from activities that provide reflection on the regional variation present in the various speeches. Then, the relationship between language, society and teaching will be worked out. The teaching of Portuguese at school is almost always limited to the dictatorial act of norms and rules, a fact that intensifies the student's frustration for not seeing himself/herself linguistically represented in the school environment, whether through texts and examples taken almost always from literary classics. This is the motivating reality of this project. Therefore, we take as main theoretical support the proposals of Sociolinguistics: BAGNO (2015), BORTONI-RICARDO (2018), LUCCHESI (2019); TARALLO (2003); of the History of Linguistic Ideas (ORLANDI, 2013), MARIANI (2016) and of the Sociology of Education: (BOURDIEU (1979), and education:SOARES (1986).

Keywords: Language. Identity. Northeasternity. Linguistic prejudice. Bullying. Teaching.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	16
1.1	<b>As contribuições da sociolinguística para o estudo da variação e o ensino da língua</b> .....	16
1.1.1	<u>Variação da linguagem e ensino: a sociolinguística na escola</u> .....	22
1.2	<b>O Ideal de homogeneidade</b> .....	29
2	<b>METODOLOGIA</b> .....	36
2.1	<b>Natureza da pesquisa</b> .....	36
2.2	<b>O contexto inspirador da pesquisa</b> .....	40
2.3	<b>A elaboração do caderno de atividades</b> .....	42
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	45
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	47
	<b>APÊNDICE A</b> – Não se avexe não, fale! Uma proposta de atividades sobre a diversidade linguística no espaço escolar: CADERNO DO PROFESSOR .....	51
	<b>APÊNDICE B</b> – Não se avexe não, fale! Uma proposta de atividades sobre a diversidade linguística no espaço escolar: CADERNO DO ESTUDANTE .....	72
	<b>ANEXO A</b> – DECRETO RIO Nº 47.282 DE 21 DE MARÇO DE 2020 .....	90
	<b>ANEXO B</b> – RESOLUÇÃO Nº 003/2020 RESOLUÇÃO Nº 003/2020 – CONSELHO GESTOR, de 02 de junho de 2020 .....	91

## INTRODUÇÃO

Nascida e criada em São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro, filha de uma nordestina e de um fluminense, sempre me interessei pela questão da linguagem ser um fator que fornece pistas sobre a origem das variações recorrentes nos falares de cada falante de uma língua. Esse fato se explicita, mais claramente quando nos referimos às variações relacionadas aos locais de origem dos falantes (variação diatópica).

Tal interesse aumentou muito nos últimos cinco anos, quando passei a conviver com falantes de Jacarepaguá, Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro, e ouvi alguns questionamentos preconceituosos relacionados ao meu falar, principalmente no que tange à escolha vocabular em função da própria semântica em dada situação comunicativa. Ainda que o meu uso fosse muito semelhante ao deles, por vezes, eu era questionada acerca do sentido de uma ou outra palavra participante do meu repertório lexical.

Ademais, o preconceito linguístico sempre foi algo que me incomodou. Percebi que ele atua nas diversas escalas: intermunicipal, vivenciado por mim durante os itinerários cumpridos ao longo de vinte e dois anos em salas de aulas de espaços que variaram desde a região serrana à metropolitana e, agora, a Oeste do Rio de Janeiro; interestadual, e principalmente inter-regional. Em contextos nos quais ocorre o preconceito linguístico, parece que indivíduos julgam sua forma de falar mais correta ou superior às demais.

No Brasil, os maiores exemplos estão no eixo Sul-Sudeste cujo Índice de Desenvolvimento Humano é o maior. Essa afirmação é feita com base em resultados de testes do SAEB (Sistema Nacional de Educação Básica) que vêm sendo realizados em âmbito nacional com alunos no 5º e 9º anos do Ensino Fundamental e no 3º ano do Ensino Médio desde 1990. O objetivo desses testes é avaliar a compreensão de leitura e as habilidades matemáticas desses estudantes.

Os resultados demonstram que os estudantes que não conseguem responder satisfatoriamente ao SAEB, provavelmente, não irão muito adiante com seus estudos, o que justifica o aumento no número de analfabetos funcionais<sup>1</sup> em nosso país. Todo o processo descrito acima está diretamente relacionado ao IDH regiões:

As deficiências no sistema escolar, que provocam repetências e evasões, são diretamente proporcionais ao Índice de Desenvolvimento Humano das regiões. Nas regiões brasileiras onde esse índice é mais baixo, como as regiões Nordeste e Norte são igualmente mais baixos os resultados do SAEB, tanto em língua portuguesa quanto em matemática (BORTONI- RICARDO, 2014, p.15).

As regiões Sul e Sudeste ao apresentarem o maior IDH demonstram ser, portanto, mais prestigiadas e isso pode levar ao fato de o falar típico dessas regiões ser categorizado como o falar 'mais correto', 'mais belo' e 'de mais prestígio' em comparação ao falar das outras (regiões). Essas variedades regionais tendem a ser mais valorizadas.

Num país de extensão continental como o nosso, embora se fale a língua portuguesa em todo o território nacional, o nosso falar se apresenta com diversas variações e particularidades sociais, regionais, sociais e, até mesmo, individuais. Dessa forma, o plurilinguismo brasileiro se manifesta no âmbito da mesma língua.

A realidade linguística brasileira é muito diferente da existente em vários outros países, pois ainda que vivamos num país no qual a língua portuguesa seja usada como língua nacional e oficial em todo o território nacional, não podemos ignorar o fato de que o português brasileiro (oral), por sofrer inúmeras variações, torna, assim, o Brasil um país multilíngue.

O Brasil é um país multilíngue. Esta característica linguística é significativa politicamente pela tensão histórica entre um imaginário de unidade, comum a um grande número de países contemporâneos, e uma divisão das línguas e de seus falantes. Esse imaginário de unidade é parte da construção das identidades nacionais modernas. (GUIMARÃES, 2005, p.22)

O que me causou certo estranhamento e curiosidade foi perceber na comunidade escolar na qual estou inserida, com quantidade expressiva de alunos nordestinos ou filhos de nordestinos, algumas atitudes ou falas depreciativas em relação aos diversos falares e sotaques que não eram reconhecidos como "corretos" pelo simples fato de serem supostamente de algum estado nordestino, ou mesmo simplesmente por não serem reconhecidos como uma fala carioca.

Daí, eu me questioneei: "Quais motivações levam os sujeitos de uma determinada região a acreditarem possuir um falar superior em relação aos demais indivíduos que vieram de outros municípios, estados e, principalmente, de outras regiões?"

Na tentativa de responder a tal questionamento, neste trabalho serão discutidas a partir de pesquisas e reflexões de outros autores, as possíveis principais causas da discriminação linguística reproduzida em nosso espaço escolar, o que põe os respectivos aprendizes à margem desse espaço, podendo levá-los à exclusão e ao isolamento.

Palavras pejorativas e insultuosas sempre depreciam as pessoas, alimentam estereótipos e amputam a riqueza das variedades linguísticas. Isso configura um choque cultural que é regido por regras etnocêntricas. No caso aqui observado, o maior rótulo é o de

“paraíba”, que soa constantemente como xingamento e humilhação, pois todos os que vêm do Norte ou do Nordeste são colocados na mesma esfera. Tal forma de pensar e agir demonstra que não se considera a verdadeira região de origem do afetado por aquele xingamento, além de homogeneizar a riqueza dos falares nordestinos, ou mesmo de outros falares, como por exemplo, o baiano, o mineiro ou até mesmo os de outros municípios do interior do próprio estado do Rio de Janeiro.

Pode-se perceber muitas atitudes preconceituosas com relação aos falares no ambiente pesquisado. Em muitos casos, isso pode acarretar problemas de sociabilidade dentro do espaço escolar, gerando acanhamento e até mesmo distúrbios psicológicos.

Parece que quanto mais forte a presença de pistas extralinguísticas no falar, maior o silêncio do educando. Logo, o objetivo deste trabalho é:

1 - Propor um conjunto de atividades com práticas de leitura e interpretação que possam conduzir os alunos a reconhecer que a variação no uso da língua é um fenômeno intrínseco a qualquer língua;

2 - Convidar os estudantes a perceberem que há variadas formas de se usar a mesma língua e, portanto todos os usos devem ser respeitados e valorizados, pois são impactados por fatores externos tais como as realidades geográficas, sociais, econômicas e culturais.

3 - Promover discussões acerca do preconceito linguístico consequente do preconceito social tão arraigado em nossa sociedade perpetuadora da ideia de homogeneidade linguística que funciona como algo ideal.

4 - Motivar os alunos silenciados pelo contexto escolar preconceituoso a se expressarem oralmente sem acanhamento quando assim precisarem e/ ou desejarem.

Paralelo aos objetivos acima listados, pretendemos mostrar o quão é presente o preconceito linguístico no espaço escolar a fim de combatê-lo. Dessa forma, o estudante lança mão da linguagem representante da própria realidade social e cultural que, por sua vez, ao divergir do repertório linguístico, social e cultural da classe dominante, é considerado, nos termos da Magda Soares (2020) deficiente apenas por ser diferente.

O francês Pierre Bourdieu (1989) afirma que uma relação de comunicação linguística é uma relação de força simbólica. Para o sociólogo, o conhecimento e a informação são bens simbólicos da mesma forma que há bens materiais. De acordo com sua tese do uso da língua como capital simbólico, a produção linguística de um indivíduo depende da posição que esse indivíduo ocupa na sociedade. E essa produção, por sua vez, reflete as relações de forças materiais estruturantes da sociedade.

De modo unificado e equivocado, o mercado dos bens simbólicos transforma a cultura e a linguagem dos grupos dominantes em capital cultural e linguístico. A escola, portanto, busca levar esses bens simbólicos às camadas populares, mas falha ao acreditar que os educandos já conheçam tais bens e apenas reflete acerca do dialeto ‘padrão’, pois desconsidera o dialeto próprio/prévio desses mesmos educandos.

Com a tese do ‘capital linguístico rentável’, Bourdieu (1989) se utiliza de termos próprios da Economia e demonstra que o fracasso escolar só será superado, na medida em que as discriminações e desigualdades sociais e econômicas também terminarem.

Sendo a linguagem sujeito de relações de poder que classificam dominantes e dominados, ela é também responsável por tornar evidente a relação entre a língua de colonizadores e colonizados, entre a linguagem erudita e linguagem das classes populares.

Portanto, mudar sua linguagem pode significar ascensão social. O Estado, ao definir uma língua oficial normativa, reforça o valor do capital linguístico. Ou seja, fortalece a ideia da língua como capital simbólico, como objeto de troca do mercado linguístico capaz de tornar evidentes as estruturas de poder que o uso de uma linguagem implica.

Portanto, ao analisarmos a ‘teoria do capital linguístico escolarmente rentável’, do sociólogo francês, concordamos que a escola precisa levar as comunidades populares ao domínio do dialeto padrão/ dialeto de prestígio, porém este deve ser acrescentado ao dialeto de classe pertencente ao educando. No entanto, ao considerarmos o foco da presente pesquisa, a variação diatópica ou geográfica, a violência simbólica torna-se mais evidente, visto que para esse tipo de variação não cabe adequação.

Adequar o falar de um representante da região nordeste, por exemplo, ao falar de um representante da região sudeste, evidencia, acima de tudo, o discurso ideológico preconceituoso de que as variedades próprias de determinadas regiões, de determinadas comunidades de fala são erradas, inferiores, deficientes, inadequadas, logo precisam ser corrigidas. À escola, não cabe essa atitude.

Sendo assim, é necessário pensar e buscar estratégias para trabalhar a relação entre linguagem, ensino e classe social, a fim de que esses estudantes, pertencentes às classes desprestigiadas alcancem instrumentos que os encaminhem à transformação social, sem que se sintam inferiorizados, sem desprezarem as suas origens linguísticas, sem se calarem por se sentirem diminuídos, constrangidos:

É o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que gera discriminações e fracassos: o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente

estigmatizadas, provoca preconceitos linguísticos e leva a dificuldade de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante socialmente prestigiada (SOARES, 2020, p.26).

Contudo, no que tange à variação regional, é preciso um olhar que exalte e valorize os diversos falares como representantes das diferenças linguísticas próprias de cada região do Brasil, de modo que ao identificar tais particularidades, a sociedade de um modo geral seja capaz de não as categorizar pejorativamente.

Guiados pelo que postula a área teórico-prática intitulada *sociolinguística educacional* muito explorada pela brasileira Stella Marins Bortoni-Ricardo (2004), que investigou a língua e a cultura dos migrantes originários da zona rural que foram obrigados a se instalar nas periferias de grandes cidades, fazendo uso de sua língua, basicamente, oral, propomo-nos a abordar criticamente, em nosso conjunto de atividades, essa problemática.

A tarefa educativa da escola, em relação à língua materna, é justamente criar condições para que o educando desenvolva sua competência comunicativa e possa usar, com segurança, os recursos comunicativos que forem necessários para desempenhar-se bem nos contextos sociais em que interage (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 78).

Com o intuito de alcançar o exposto acima, será elaborado um conjunto de atividades apoiadas na leitura e análise de gêneros textuais diversificados. A seleção desses textos priorizará os que trouxeram a possibilidade de diálogo com parte da realidade vivenciada em diferentes regiões brasileiras, considerando que tal conversa seja importante para o enriquecimento de vários contextos escolares.

O trabalho, portanto, consistirá na apresentação desse material didático cuja inspiração surgiu mediante a observação das diversas e recorrentes atitudes etnocêntricas (já aqui mencionadas) em nosso espaço escolar.

O objetivo principal dessa proposta de atividades é promover reflexões no espaço escolar sobre os casos de realizações linguísticas faladas de forma recorrente em comunidades que têm forte presença de alunos pertencentes a famílias de origem nordestina, a fim de atenuar e combater o preconceito linguístico.

Do ponto de vista pedagógico, esta pesquisa aborda leitura e análise de alguns gêneros textuais que retratem tipos diferentes de variações da linguagem, na tentativa de tornar, assim, a sala de aula um espaço valorizador dos diferentes falares que a compõem.

É importante dizer que esse conjunto de atividades está preparado com base na ideia de que outros docentes também podem utilizá-lo, de modo a promover a conscientização das



diferenças linguísticas, objetivando, combater o preconceito linguístico em suas comunidades escolares.

A finalização da proposta dessa pesquisa terá sua culminância com a divulgação do produto-final “Não se avexe não, fale”, um caderno de atividades direcionado aos anos finais do Ensino fundamental II. Esse caderno será composto por atividades abordantes do tema já aqui mencionado, e poderá ser utilizado tanto em escolas em que o contexto seja próximo daquela que inspirou essa proposta, como em outros contextos, sempre com o propósito de discutir um tema fundamental como o preconceito linguístico, que é também uma forma de preconceito social e de racismo (LUCCHESI, 2021) de forma que sejam um norte para todo contexto que compartilhe da mesma problemática, a fim de se combater o preconceito linguístico no espaço escolar. Preconceito este que muitas vezes é seguido por práticas de bullying.

Além disso, como a variação da linguagem é um fenômeno (da linguagem), este tema se torna então um conteúdo necessário às aulas de língua portuguesa. Atrelado a isso, há a questão do preconceito linguístico como tema que deve estar presente em todas as escolas, na educação básica. Seja nas escolas públicas voltadas à elite ou privadas, nas quais possa não haver pessoas falando tão diferente uma das outras, mas que por serem questões que atravessam a língua precisam ser inseridas como conteúdo a ser ensinado.

Esta dissertação se organiza da seguinte forma. No primeiro capítulo apresentamos as contribuições da sociolinguística, da história das ideias linguísticas e da sociologia da educação. No segundo. Destinado à metodologia, estará subdividido, respectivamente, em 2.1- “Natureza da pesquisa”, 2.2- “Contexto(inspirador) da pesquisa”, 2.3- “elaboração do produto final”. No terceiro, apresentamos nossas considerações finais e no Apêndice apresentaremos o caderno de atividades “Não se avexe não, fale!”, na versão do professor e na versão do aluno.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 As contribuições da sociolinguística para o estudo da variação e o ensino da língua

A língua não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. A linguagem é multiforme e heteróclita; a língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo.

*Ferdinand de Saussure, 1916.*

A língua é, sobretudo, um produto social e cultural e como tal deve ser entendida.

*Edward Sapir, 1929.*

A capacidade de concretização dos atos vivenciados pelo homem por meio da linguagem verbal é, sem dúvida, um dos fatores principais que justificam o interesse humano pelo seu estudo.

Não é de hoje que o homem se vale do uso da palavra, seja oral ou escrita, para realizar trocas de experiências; logo, utiliza-a como veículo de comunicação social.

Dessa forma, percebe-se que a linguagem se liga à sociedade ao passo que a última se realiza por meio da comunicação. É assim, pois, que ambas, sociedade e linguagem, se materializam: no contato social.

Contemporaneamente aos estudos linguísticos, há a “Sociolinguística variacionista”, que se consolidou na década de 1960 nos Estados Unidos, cujo precursor é o linguista americano William Labov. Contudo, é importante destacar que a novidade trazida por Labov (2008) relaciona-se ao que tange à “teria da variação” como também é conhecida a sociolinguística variacionista. Também o linguista polaco Uriel Weinreich (1953), verdadeiro precursor da Sociolinguística, estudou uma série de fenômenos, tais como a “diglossia” e “os efeitos do contato linguístico”.

O autor Fernando Tarallo (2003), em sua obra “A pesquisa sociolinguística”, a partir da análise da língua atrelada (e indissolúvel) à sociedade, afirma que a primeira varia de acordo com a segunda. Dessa forma, a língua falada é heterogênea e diversificada, posto que a sociedade também assim se comporta.

Em função dessa heterogeneidade social e linguística, os sujeitos que estão em determinados espaços sociais fazendo uso de variedades linguísticas próprias, apresentam um certo estranhamento ao interagirem com sujeitos que usem variedades linguísticas distintas. Segundo Tarallo (2003), esse estranhamento ocorre porque o ser humano se encontra diante de algo que não é imediatamente reconhecido, analisado e nem sistematizado por sua mente. Cabe, portanto à “teoria da variação linguística” analisar e sistematizar as variantes linguísticas presentes numa mesma comunidade de fala, já que “no meio social, as variantes coexistem em seu campo natural de batalhas.” (TARALLO, 2003, p.7). Porém, sabemos que mentes engessadas linguisticamente classificam a variação como erro, como caos. É, também, importante observar, reconhecer que “cada sujeito faz uso de uma linguagem moldada pela própria realidade, de acordo com as suas perspectivas de mundo social, cultural e histórica” (PETTER, 2019, p. 11).

E a fim de exemplificar o exposto acima, pode-se valer do que Pietroforte (2019, p. 76) comenta a respeito das fábulas. Segundo o autor, essas narrativas antigas, por terem sido traduzidas e recontadas em línguas, épocas e sociedades diferentes, carregam em suas versões, aspectos de valores relevantes a serem pesquisados. Contudo, a relevância supracitada pode ser tanto para a Linguística, como também para outras ciências por conta, principalmente, dos aspectos históricos existentes nelas.

Porém, quando se afirma que a Linguística é a ciência responsável por estudar a linguagem, pouco se informa sobre esse objeto de estudo, como observam Cunha, Costa, Martelotta (2018 p. 15), que afirmam que ao se delimitar o objeto de análise da Linguística como sendo a linguagem, faz-se necessário primeiramente definir esse objeto. Tal detalhamento se torna necessário pelo fato de a linguagem receber definições diversificadas. E por ser exatamente nesse contexto de definição do objeto que se justifica, também, o interesse de outras ciências pela análise da linguagem.

Dessa forma, ao retomar a definição da Linguística como, uma ciência descritiva e explicativa, que se debruça no estudo de todas as manifestações linguísticas de um falante que pretenda fazer-se compreender, ou seja, que se pronuncie com um objetivo comunicativo, cabe, então, reconhecer que à Sociolinguística está o papel de adicionar a tais explicações e descrições propostas pela primeira (a Linguística) os elementos extralinguísticos, capazes de

influenciar tais falares. Esse campo da Linguística estuda como objeto, a língua em seu aspecto social, levando em conta fatores externos.

É a Sociolinguística que enxerga a língua como mutável na medida em que acompanha o falante que apresenta modulações em sua linguagem de acordo com diversos fatores, tais como: faixa etária, gênero, região em que nasceu, posição social, contexto da comunicação, entre tantos outros. Portanto, segundo essa visão sociolinguística, que trata a língua como uma instituição social, a variação e a mudança linguísticas são características próprias da mesma.

Tais estudos trouxeram alguns conceitos referentes ao conceito da língua em seu “uso real”, que são relevantes para o presente trabalho. A seguir, alguns serão mencionados: *variação* é um fenômeno cultural gerado por fatores internos (fonéticos, morfológicos, sintáticos) e externos (sociais, culturais e geográficos) à língua, que ilustra, desta forma, o caráter de adaptação que a mesma apresenta de acordo com a(s) necessidade(s) do falante(s) que a usa(m) para comunicação. Ou seja, a língua varia de acordo com o tempo e o espaço em que é usada pelo homem; *variantes* são as diferentes formas linguísticas que mencionam um mesmo sentido, são formas concorrentes entre si; *variável* é o conjunto de variantes que se constitui de duas ou mais formas/variantes; *dialeto* é a variação linguística usada numa determinada região, são variedades geográficas também conhecidas como *variação diatópica*; *socioleto* é a variação usada por determinados grupos de acordo com o ambiente (classe social, profissão, faixa-etária(*cronoleto*), nível de escolaridade, origem étnica, religião entre outros), em que esteja inserido, são variedades sociais também conhecidas como *variação diastrática*; *idioleto* é a variação a nível individual que cada falante apresenta de acordo com o contexto, em que esteja efetivando a comunicação, são registros individuais também conhecidas como *variação diafásica*.

A sociolinguística analisa, assim, o conjunto de diferenças existentes nos falares de uma mesma língua, até porque não é de hoje a percepção do conhecimento de que a língua é um “organismo” vivo que passando por momentos de estabilidade, permanência e instabilidade, se modifica a todo o momento.

Estando a língua no domínio humano, ela ao se modificar, cria, conseqüentemente, novas maneiras de comunicar. O nível da língua que muito demonstra sua dinamicidade acompanhando fatores históricos, socioculturais e geográficos, é o vocabular. É nesse âmbito que ocorre o estranhamento provocado pelo desconhecimento de certa palavra usada por um falante de diferente comunidade linguística, por exemplo.

É importante reconhecer a velocidade com que as palavras novas surgem

acompanhando a dinamicidade do homem. É necessário atentar-se ao fato de que as palavras antigas, muitas vezes, permanecem em uso. Por esse motivo, o conjunto de palavras de uma língua, as lexias, é o elemento que muito revela cientificamente sobre a comunidade linguística que a utiliza, considerando que são elas, as palavras (lexias) que mais incorporam as alterações linguísticas.

Confirmando essa premissa, Biderman (2001, p. 179) afirma que o léxico figura “a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através do tempo”. A denominação sociolinguística da língua como fenômeno funcionalmente heterogêneo tem promovido um paradigma de mudança para o conceito de formação linguística que, por muito tempo, se conteve com a ideia de homogeneidade da língua de um território. Essa noção é tão enraizada que Ricardo Joseph Lima aponta “a situação é tão incômoda, que até mesmo uma das características mais intrínsecas do que é uma língua é colocada em xeque: a sua variabilidade” (2014, p. 117).

Sabemos que a formação da língua de uma nação passa por diversas influências desde as geográficas até as sociais, desmembrando-se em outros inúmeros mecanismos de realização como a idade, as redes de relações e os ambientes discursivos em que se dão. Sendo assim:

O indivíduo inserido numa comunidade de fala partilha com membros dessa comunidade uma série de experiências e atividades. Daí, resultam várias semelhanças entre o modo como ele fala e a língua e o modo dos outros indivíduos. Nas comunidades organizam-se os agrupamentos de indivíduos construídos por traços comuns, a exemplo, de religião, lazeres, trabalho, faixa etária, escolaridade, profissão e sexo (CEZARIO, VOTRE, 2018, p. 147-8).

A contribuição das pesquisas dos sociolinguísticas só vem afirmar que a língua tem seu caráter heterogêneo e que o conceito de padrão e norma instituídos passam pelo crivo da priorização das realizações linguísticas de determinados grupos privilegiados na sociedade. Isso se dá pela força de que:

Por trás da genialidade da expressão “norma culta” se apresenta ora o conjunto de regras idealizado por filósofos, lexicógrafos e gramáticos, usualmente formulados com base na escrita literária (a norma gramatical), ora o ideário de norma estabilizada, que resulta de um processo fortemente unificador (VIEIRA; FREIRE, 2014, p. 82).

Mediante a um dicotômico pensamento pautado na tradição normativa canônica e na funcionalidade de uma língua e seu uso real pelos falantes dela, as propostas e os direcionamentos do ensino de língua têm sido constantemente postos em discussão pelas

pesquisas e, conseqüentemente, culminam nas propostas legais para esse ensino.

Tantos os PCN's (BRASIL, 1998) quanto a atual Base Nacional Curricular norteiam esse ensino de língua que respeite e valorize os usos e as realizações linguísticas dos falantes em suas inúmeras situações. Ambos reconhecem a realização das atividades humanas por meio das práticas sociais e que essas são mediadas por diferentes linguagens.

Esses documentos oficiais afirmam, assim, ser por meio dessas práticas que as pessoas interagem entre si e consigo mesmas, constituindo-se como sujeitos sociais. Portanto, entram nessas relações, conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos.

Ou seja, sendo a língua uma atividade social situada no tempo, as variações e as mudanças linguísticas ocorrem de acordo com o lugar, assim como, com o tempo em que se dão as interações humanas.

Dessa forma justifica-se a relevância de os estudantes reconhecerem que as linguagens são dinâmicas na medida em que todos nós somos agentes nesse processo de transformação constante. É nas situações interacionais reais que efetivamente se dá o ensino de língua.

Quanto a isso, a BNCC (BRASIL, 2018) acrescenta ainda que nos anos finais do Ensino Fundamental, as práticas de linguagens são tomadas por um protagonismo mais expressivo por parte dos próprios educandos, visto que assim as realizam tanto dentro quanto fora do espaço escolar.

No mesmo decurso, tais documentos reconhecem a variação como constitutiva das línguas humanas ocorrendo, portanto, em todos os níveis (fonológico, lexical, morfológico, semântico e sintático) das mesmas, independentes de qualquer normativa.

Mencionara necessidade de se estabelecer a língua escrita e a dita “norma padrão” como objetos privilegiados de ensino-aprendizagem na escola é relevante. Essa necessidade é justificada pelo papel da escola de propor novos conhecimentos, visto que as aulas devam ser espaços benéficos ao desenvolvimento da capacidade intelectual e linguística dos educandos, objetivando que esses desenvolvam suas competências discursivas.

Com isso, é postulado o papel da escola na oferta de recursos aos alunos para que os capacitem ao uso discursivo e gramatical da variedade padrão da língua para que possam usá-las de acordo com o contexto, o interlocutor e com o tópico da(s) conversa(s).

Há de se ressaltar, também, que o uso da norma padrão é um fator que gera aceitação social dos falantes em certas situações. Assim como admitir que muitas vezes, será apenas na escola que muitos educandos terão contato com a variedade padrão. Logo, é mais do que necessário que a escola exponha tal variedade, claro que sem excluir as variedades trazidas como bagagem pelos alunos, a fim de ofertar-lhes mobilidade linguística apenas, e não

exclusão.

Se transpormos para hoje aquilo a que a gramática tradicional remete, podemos ver que ela reforça o ‘dialeto da elite’, que ela reforça padrões de uso que são próprios a uma classe dominante, que o seu ensino(quer bem ou mal-feito) faz silenciar os outros usos.(MATTOS E SILVA, 1989, p.13).

A questão levantada pela citação acima se sustenta exatamente nos casos em que, tradicionalmente, o ensino de língua na escola é desenvolvido como se manuseasse algo homogêneo e distante dos educandos. Ou seja, tal equívoco ocorre quando o ensino de língua na escola, resume-se a negar, a desprezar os casos reais de uso da língua.

Demandando, assim, trabalhar a língua dentro dessa suposta homogeneidade, o ‘dialeto da elite’ é o único parâmetro a ser elucidado. Com isso, o quesito postulado pelos PCNs, de que seja necessário a escola levar o aluno a refletir sobre fenômenos da linguagem no tocante a variedade linguística com fins de se combater a estigmatização e o preconceito linguístico, acaba sendo violado.

Marcos Bagnoem sua obra “A norma oculta; língua e poder na sociedade” (2003), fala sobre a importância de se reconhecer a língua como uma ferramenta que vai sendo criada na medida em que é usada pelos ‘falantes’ e não ‘usuários’ da língua. De fato, ao pensar sobre a substituição do termo tradicional ‘usuário’ por ‘falante’, a visão ativa dos seres que usam a língua para se comunicarem fica mais evidente.

Tão logo, essa evidência leva à compreensão do porquê desse uso, por ser concreto, ser moldado pelos fatores extralinguísticos que circundam a realidade de cada falante da língua. Assim, a língua é posta como elemento integrante dos seres que a usam, e não sob o viés reducionista de algo “abstrato, externo, pronto e acabado para ser usado e colocado de volta no lugar”:

Essa concepção abstrata e reducionista de língua>norma>gramática é tão antiga que já se tornou parte integrante de crenças e superstições que circulam na sociedade. É essa cadeia sinonímia equivocada que permite a muita gente acreditar que o manual de gramática e o dicionário contêm as únicas possibilidades de uso da língua, como se fosse possível encerrar em livro toda a complexidade que governa as relações dos seres humanos entre si e consigo mesmos por meio da linguagem (BAGNO, 2009, p. 21).

O considerado conveniente a ser dito vai depender de quem o diz, para quem o diz e em qual situação concreta tais enunciados serão ditos. Segundo Joaquim M. Câmara (1970, p.13) “a língua existe essencialmente como meio de comunicação entre os homens e as significações linguísticas estão evidentemente na base de tal comunicação (...)”. A assertiva

acima ilustra a necessidade de se flexibilizar até mesmo o que é prescrito como norma dentro do ensino e aprendizagem de língua pela gramática normativa.

Tal flexibilidade se deve ao reconhecimento da variabilidade linguística humana, visto que ninguém se comunica percorrendo exatamente a mesma estrada de escolhas lexicais, sintáticas, morfológicas que outra pessoa o faz em outro lugar e/ou com outros interlocutores, até porque a variação linguística decorre de questões espaciais, sociais e até mesmo individuais.

Considerando que um mesmo indivíduo varia a própria linguagem a fim de que essa se adeque ao contexto comunicativo, priorizando a significação que ali se efetivará, ou que pelo menos se pretende que ocorra. Sobre isso, afirma Mattoso-Câmara Jr.:

Um dos percalços mais sérios com que se tem defrontado a gramática descritiva, desde a Antiguidade Clássica, e o fato da enorme variabilidade da língua no seu uso num momento dado. Ela varia no espaço, criando no seu território o conceito dos dialetos regionais. Também varia na hierarquia social, estabelecendo o que hoje se chama os dialetos sociais (cf. Martinet, 1954, 1s). Varia ainda, para um mesmo indivíduo, conforme a situação em que se acha (...), estabelecendo o que um grupo moderno de linguistas ingleses denomina registros (Halliday, 1965, 87). Finalmente, uma exploração estética da linguagem, para o objetivo de maior expressividade, faz surgir o que se classifica como "estilo", desde a Antiguidade Clássica (MATTOSO-CÂMARA JR., 1970, p.17).

Não há de se esperar, portanto, que um professor de filosofia fale sempre usando o "estilo monitorado" (BORTONI-RICARDO, 2004), de que lança mão para ministrar aulas em turmas do Ensino Médio, por exemplo, até mesmo em momentos de lazer e descontração com os amigos de infância. Até porque se assim o fizesse, certamente, soaria artificial além de correr o risco de não se fazer compreender.

É facilmente constatável que o ideal de escrita e de fala deve ser associado tanto aos espaços nos quais a comunicação se efetiva, quanto com quais pessoas a interlocução se dá.

### 1.1.1 Varição da linguagem e ensino: a sociolinguística na escola

Como já observamos, a Sociolinguística é a área da Linguística que possui como objeto a ser estudado a língua atrelada a diversos fatores externos que influenciam o seu uso seja no que tange à escolha vocabular (léxico), à ordem das palavras nas frases (sintaxe), à pronúncia das palavras (fonologia) entre outros aspectos da língua. Isto é, o desempenho



linguístico de todo falante é resultado de sua relação com a comunidade linguística a que está inserida.

“A sociolinguística é a área dentro da linguística que estuda a língua falada em seu contexto social, ou seja, em seu uso real. Desse modo atribui-se a ela o estudo das relações entre língua e sociedade” (ALKMIN, 2011). E ainda sobre esse ramo da ciência, Martelotta (2010) diz que “A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu contexto real, levando em consideração as relações entre estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística.”

Nota-se, assim, que a sociolinguística variacionista diverge muito da definição dada por Saussure [intimidade] para língua como objeto social. Enquanto para a Sociolinguística, a língua é social por estar relacionada aos fatores externos mencionados acima; para Saussure a língua era nomeada social por considerar que o sistema da língua era adquirido no ato do contato social, mas excluindo a importância de fatores externos.

Essa diferença é determinante nos estudos linguísticos voltados para um ensino e aprendizagem que intencione democratizar o ensino de língua para falantes pertencentes a diversas comunidades linguísticas com realidades geográficas, socioculturais e econômicas particulares.

O reconhecimento da existência de muitas variedades linguísticas é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja consequente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma verdadeira "língua estrangeira" para o aluno que chega na escola proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade estigmatizada do português brasileiro” (BAGNO, 2009, p.32).

Reconhecendo a escola como espaço democrático que une num mesmo ambiente várias realidades distintas, e que estando a linguagem no domínio desses sujeitos, é necessário que a comunicação ocorra por meio de uma linguagem que viabilize o entendimento e a interação de todos que ali estão, logo, a escola precisa usar uma linguagem que valorize, sem discriminar, as características desta comunidade linguística acompanhada pelas características externas da mesma.

É preciso que a escola passe a aderir de fato o sentido do termo adequação da linguagem a fim de demonstrar aos corpos docente e discente a importância de se considerar que no uso de língua é essencial reconhecer que há sempre mais de uma forma de se falar algo, mas que o falante terá bom desempenho linguístico considerando que o fato enunciado

terá um nível maior ou menor de credibilidade quando este enunciado estiver adequado ao contexto comunicativo.

A tarefa educativa da escola, em relação à língua materna, é justamente criar condições para que o educando desenvolva sua competência comunicativa e possa usar, com segurança, os recursos comunicativos que forem necessários para desempenhar-se bem nos contextos sociais em que interage (BORTONI-RICARDO, 2004, p.78).

Por conseguinte, também é importante reconhecer que este mesmo falante sofrerá influência do contexto comunicativo no qual se encontra, já que um mesmo sujeito adequará a sua linguagem para alcançar o locutário e, por conseguinte, todas as suas questões sociais particulares que permeiam a própria linguagem em dada situação comunicativa.

Toda língua comporta variantes: (i) em função da identidade social do emissor; (ii) em função da identidade social do receptor; (iii) em função das condições sociais de produção discursiva. Em função do primeiro fator, pertencem as variantes que se podem denominar dialetais em sentido amplo: variantes geográficas e socioculturais. Em função do segundo e do terceiro fatores, pertencem as variantes de registro ou estilísticas. Referem-se ao grau de formalidade da situação e ao ajustamento do emissor à identidade social do receptor (CAMACHO, 2011, p.58).

Ou seja, além de se considerar que a língua varia de acordo com fatores sociais, geográficos, históricos, faixa-etária, de gênero, por exemplo, é preciso percebermos que ela também varia em situações específicas por conta das condições de produção enunciativa tendo como referência quem fala e para quem se fala.

A contribuição sociolinguística para o ambiente escolar é relevante na medida em que nos faz reconhecer a língua em seu caráter heterogêneo ao lado da verdade de que todas as línguas são variáveis no seu sentido mais amplo, já que essas variáveis ocorrem até mesmo de indivíduo para indivíduo ainda que pertençam a mesma comunidade linguística, seja ela qual for:

A sociolinguística tem por objeto de estudo os padrões de comportamentos linguístico observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis. [...] Dessa forma, para os sociolinguistas, comunidades de fala, frequentemente, existirão formas linguísticas em variação, isto é, formas que estão em coocorrência (quando duas formas são usadas ao mesmo tempo) e em concorrência (quando duas formas concorrem). Daí ser a Sociolinguística Variacionista também denominada de Teoria da Variação (LUCCHESI; ARAÚJO, 2021, p.21).

A exemplo disso há pessoas que são da mesma família, que receberam a mesma instrução escolar, que possuem o mesmo nível de escolaridade e, ainda assim, com todas essas afinidades/ particularidades, apresentarão formas diferentes de dizer, ou seja, possuem desempenho linguístico individual/ próprio.

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades. Concretamente: o que chamamos de “língua portuguesa” engloba os diferentes modos de falar utilizado pelo conjunto de seus falantes do Brasil, em Portugal, em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor etc. (ALKMIN, 2011, p.33).

Logo, para o ensino de Língua Portuguesa na escola, torna-se essencial a inclusão da sociolinguística como parâmetro para acabar com vários "mitos" que rodeiam o falar e escrever português no Brasil.

Dentre os mitos citados por Bagno (2009), o que aqui se coloca como essencial é o que diz que aqui no Brasil 'fala-se mal o português', uma vez que o termo adequação linguística prova que o papel real da escola brasileira deve ser o de mostrar caminhos para o educando organizar o próprio projeto de dizer, considerando o como dizer de acordo para quem está se dizendo em determinado momento/ situação, no lugar de taxar os falares desses mesmos educandos com rótulos de “certo” ou “errado” que vêm servindo, há anos, como confirmação do errôneo imaginário nacional brasileiro de que “não sabemos português”, “português é difícil” o que na verdade, nos atrasa no que tange o que aqui nomearemos por real função comunicativa da linguagem.

Diante desses mitos que levam ao preconceito linguístico e social, notamos que não há escola para todos no Brasil, visto que a escola brasileira se apresenta, muitas das vezes, num papel de opositor do povo. E a consequência disso é o fracasso escolar, que Segundo Magda Soares (2020), ocorre em decorrência de três fatores principais.

O primeiro desses fatores se refere à atribuição do sucesso ou do fracasso escolar do educando explicado como dom, ou seja, por características individuais. O segundo fator é a crença de que as pessoas ocupam posições diversas em consonância às suas aptidões intelectuais, isto é, aqui a desigualdade social é justificada pelas características particulares do sujeito. E como terceiro fator, temos a questão das diferenças culturais, uma vez que se considere que o ‘povo’ não tenha cultura. Soares menciona esses três fatores e os nomeia sequencialmente por “ideologias do dom”, “ideologia da deficiência cultural” e “ideologia das diferenças culturais”.

Em contrapartida ao que propaga o último fator, a Antropologia e a Sociologia defendem que não há povo sem cultura. Logo, a atitude etnocêntrica que considera como padrão cultural o que é manifestação dos grupos dominantes, classifica o “diferente” como “deficiente”.

Assim, ao reconhecermos a linguagem como produto cultural e, também, como veículo transmissor dessa cultura, intuímos o porquê de o fracasso escolar ocorrer em grande escala nas camadas populares. Considerados deficientes linguística e culturalmente, não se veem representados no espaço escolar, não evoluem intelectualmente por não acessarem facilmente o que ali lhes é apresentado, logo fracassam. É um ciclo reprodutor das desigualdades.

A área da educação, respaldada pela Psicologia, começou na década de 60 a usar a teoria da deficiência cultural como aporte para justificar as desigualdades. Surgiram, nesse momento, expressões como “vocabulário pobre”, “erros de linguagem” e “deficiência linguística” (SOARES, 2020, p. 32) conferir nas referências.

Dentre esses termos, o da “deficiência linguística” merece destaque para a presente pesquisa, visto que está relacionado a aspectos da cultura dos estudantes pertencentes às camadas populares. Segundo essa teoria, a da deficiência cultural “a deficiência linguística é atribuída à “pobreza” do contexto linguístico em que vive a criança, particularmente no ambiente familiar.” (SOARES, 2020, p. 33).

Em outras palavras, “a teoria da deficiência cultural” culpa a criança da classe popular pelas dificuldades cognitivas que enfrenta na escola. Ela afirma que o uso de uma linguagem ‘inadequada’ à transmissão do pensamento lógico por parte desses estudantes, constitui um obstáculo ao próprio desenvolvimento cognitivo.

De acordo com essa hipótese, a criança que lança mão da linguagem representante da sua realidade social e cultural divergente do repertório linguístico social e cultural da classe dominante, é considerada deficiente.

O sociólogo Basil Bernstein, apesar de ser nomeado como um dos responsáveis pela teoria supracitada, após 1973, afirma que há diferentes tipos de linguagens relacionadas às origens sociais. Ele propõe uma relação entre a classe social do educando, a sua linguagem e o seu rendimento escolar.

Para o sociólogo inglês, é a estrutura social que gera os diversos códigos linguísticos que transmitem a cultura e determinam comportamentos e modos de enxergar e refletir. Bernstein defende que numa sociedade dividida em classes ocorrem duas variedades linguísticas, dois códigos: o “código restrito” e o “código elaborado”.

O primeiro é o código centrado no tipo de família cuja linguagem está ligada apenas nos papéis desenvolvidos por cada sujeito dentro dessa instituição, ou seja, do pai, da mãe, do filho. Já o segundo código se centra nas pessoas em si, visto que tomam como base as características pessoais de cada indivíduo. De acordo com essas pesquisas feitas pelo sociólogo, as crianças provenientes das famílias trabalhadoras usam mais o código restrito ao passo que as da classe média usam tanto o restrito quanto o elaborado. Logo, as últimas adequam a linguagem ao contexto o que lhes afere uma maior mobilidade linguística em relação aos primeiros.

Os estudos de Bernstein durante o período de 1958 a 1973 deram suporte de forma acidental e “involuntária” (SOARES, 2020, p.35) para desenvolver estratégias educacionais a compensarem a “privação de linguagem” desses estudantes provenientes das camadas populares (portadores de linguagens deficientes)<sup>1</sup>.

Apesar de todos os trabalhos de Basil Bernstein da década de 1960 fazerem o sociólogo ser responsabilizado inconscientemente pela criação da “educação compensatória”, é importante observar que a partir da década de 1970 seus trabalhos passaram a considerar as relações entre língua, classe social e educação. Isso exige cautela especial para relacionar apenas o início dos estudos do sociólogo com a teoria da “deficiência linguística” já aqui mencionada.

Os linguistas acreditam nas diferenças linguísticas e não nas deficiências, uma vez que a língua sofra a influência social e cultural do meio a que pertence o falante de determinada variedade.

Labov (2008), ao estudar as relações entre linguagem, sociedade (classe social) e o uso das variedades não-padrão do inglês nos EUA, classifica a teoria das deficiências linguísticas como um mito, pois percebeu que o fracasso escolar de algumas crianças dos guetos ocorria por serem controladas/ testadas em ambientes divergentes daqueles em que viviam.

Segundo a sua teoria das diferenças linguísticas há uma relação conflitante entre dois dialetos com o mesmo valor, porém apenas um deles é aceito. Isso mostra o quanto o preconceito, a rejeição às origens do educando os condenam ao fracasso escolar.

A escola precisa ter um olhar sensível às realidades dos estudantes reconhecer que cada um deles traz a variedade linguística que os representa, que constitui a(s) sua(s) história(s). Essa atitude é essencial para que fique bem clara a importância da variação

---

<sup>1</sup> A “educação compensatória” que oculta a verdadeira causa da discriminação e da desigualdade numa sociedade capitalista ao tentar compensar as “supostas” deficiências linguísticas geradas pela ‘privação cultural’ do meio social e familiar dos educandos provenientes das camadas populares (SOARES, 2020, p. 35).

linguística como tema a ser trabalhado no âmbito escolar e, assim deixar de ser abordada como problema, falha e/ou pretexto para o preconceito.

É preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar seu próprio estilo, mas esta conscientização tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino/aprendizagem. [...] Mais importante ainda é observar o devido respeito às características culturais e psicológicas do aluno. A escolher entre a não intervenção sistemática e a intervenção desrespeitosa, ficamos, é claro, com a primeira alternativa. O trato inadequado ou até desrespeitoso das diferenças vai provocar a insegurança (BORTONI- RICARDO, 2004, p.42).

É necessário um movimento que leve toda a comunidade escolar a aprender os atos de identificar (a) e conscientizar(sobre) a diversidade linguística como traço natural à língua, para não correr o risco de reproduzir no espaço escolar mais um preconceito, visto que, “numa época em que discriminação em termos de raça, cor, religião ou sexo não é publicamente aceitável, o último baluarte da discriminação social explícita continuará a ser o uso que uma pessoa faz da língua.”(MILROY, 1998apud BAGNO, 2003, p. 13).

Outra questão relevante para se refletir é sobre a língua usada como capital simbólico (BOURDIEU, 1989), pois sob esta ótica, desempenha o papel de manter ou desfazer imagens dos seres sociais que a utilizam em suas relações cotidianas. Nesse sentido, a adequação se torna responsável por articular os elementos sujeito e representação desse mesmo sujeito.

A língua pode, assim, ser comparada a uma espécie de máscara capaz de embelezar, esconder, camuflar ou, ainda, representar, deliberar estigmatizar os sujeitos. Portanto, não se deve esquecer a definição Bourdiana do capital simbólico como sendo um conjunto de significados que a partir deles cria-se distinções entre as pessoas.

Para isso, basta lembrarmos a ênfase dada pelo sociólogo francês sobre o “capital cultural” estar relacionado ao prestígio, à honra, ao reconhecimento social. Ou seja, o capital cultural, o capital econômico e o capital social formam um amálgama nesse processo do preconceito linguístico, visto que a língua seja, conforme discorreremos até aqui, um produto social.

Neste ínterim, percebemos a sutileza da violência existente em contextos nos quais variantes linguísticas representantes de classes sociais variadas e coexistam no mesmo ambiente. A violência ocorre de uma maneira tão sutil que quase sempre passa despercebida ou acaba sendo naturalizada, e na esteira da discriminação, vem o preconceito linguístico, sempre relacionado a vigilância, despreço, perseguição, visto que esse preconceito (o linguístico) nunca vem sozinho, mas sim seja decorrente de outros preconceitos.

Esse poder é "aceito" através da conveniência, ou seja, naquilo que o outro aceita. Por esse motivo, muitos estudantes nordestinos ou filhos de nordestinos acabam silenciando, até "conseguirem" camuflar e negar os próprios falares.

Dessa forma, associamos tal fato ao que Bourdieu fala sobre os 'dominados' pensarem o mundo através das categorias pensadas e criadas pelos 'dominantes'. E é exatamente aí que consiste o maior problema da existência silenciosa do preconceito sobre os falares diferentes no espaço escolar.

Os estudantes cujos falares são estigmatizados acabam naturalizando a visão de mundo do outro sobre si, e não alcançam o direito de construir uma visão mais libertadora que os capacitem compreender a variante linguística que apresentam.

Para tanto, é importante que a escola desnude esse tipo de relação, tornando o que é invisível em visível. Dessa forma, o preconceito linguístico no espaço escolar poderá ser combatido.

O aluno pode pensar e deve pensar em como se expressar. Se ele é silenciado por conta da variação linguística que apresenta, como ele conseguirá se expressar como sujeito discursivo que? Logo, é papel da escola, na figura do professor, Incentivar. preparar os alunos a fazerem bom uso da língua na oralidade, na escrita e na discursividade.

No capítulo seguinte, discorreremos brevemente sobre a História das Ideias Linguísticas (HIL). Assim, perpassamos pelos conceitos de "língua fluída" e "língua imaginária" para tratarmos sobre a questão da variação como algo muito presente na formação da nossa identidade nacional em contrapartida ao ideal de homogeneidade perpetuado ao longo de nossa tradição pedagógica.

## 1.2 O Ideal de homogeneidade

A língua constitui um dos variados objetos simbólicos que estão ligados à formação de um país, pois

Os objetos simbólicos que estão envolvidos na formação de um país são de muitas e variadas naturezas. E é da produção desses objetos e da relação estabelecida pelos sujeitos com essa produção que resultam tanto os sentidos atribuídos ao país como os que dão sentidos a esses sujeitos enquanto se definem como súditos, servos ou cidadãos, ou seja, enquanto se definem em relação à formação de "seu" país, nas formas que a política das relações sociais significar em sua história (ORLANDI, 2013, p.2)

Discursivamente, o sujeito ao significar, também se significa, segundo a Eni Orlandi, no capítulo intitulado “A língua brasileira” da sua obra “Língua e conhecimento Linguístico para uma história das ideias no Brasil”, o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo. Logo, o sujeito ao significar o país por meio da língua, esse se significa, visto que o domínio social a que pertença/ em que esteja inserido seja responsável por nortear seus caminhos a fim de guiar a própria história que também o significa simultaneamente.

Tal situação é visível no processo de construção de língua nacional, visto que acontecimentos históricos importantes para a formação do Brasil, abrangentes do período colonial ao pensamento liberal positivista do século XIX, justifiquem a construção imaginária de uma língua nacional homogênea, única, capaz de identificar o país.

Nesse decurso, chegamos à distinção feita por Orlandi entre a *língua imaginária* e a *língua fluída*. Seriam essas as línguas ‘ideal’ e ‘real’ quando a primeira “é a que os analistas fixam com suas sistematizações”, ao passo que a segunda, a fluída, “é a que não se deixa imobilizar nas redes de sistemas e fórmulas”.

A língua brasileira é o modo diferente de dizer o português lusitano, visto que, ao mudar de território, a língua do colonizador europeu se historiciza diferentemente. Tão logo, o sujeito brasileiro a significa percorrendo outro caminho.

De modo geral, sabemos que o português chega no Brasil como colonizador que ao se deparar com os índios os “obriga” a buscar a aprender um meio de se comunicarem.

Dante Lucchesi (2020) afirma, durante palestra intitulada “África e Brasil: Contatos Linguísticos”, que pidginização é o processo através do qual os falantes do substrato se apropriam de palavras do superestrato a fim de se comunicarem emergencialmente. E acrescenta o fato importante de que esse processo seria um estágio anterior ao que conhecemos por criouliização.

A criouliização seria uma L2(língua 2) que se diferencia da L1(língua 1/ língua alvo ou língua lexificadora) por ter uma apropriação lexical da língua alvo, mas com diferenças fonológicas muito significativas e, ainda, regramaticalizar a L1. Por esse motivo, os crioulos não são compreensíveis aos falantes da língua que dá base à L2.

Porém, a questão que significa a língua portuguesa no Brasil é a ausência de um processo expressivo e contínuo de criouliização no território nacional. Ainda que dos dez mil africanos exportados para escravização, quase cinco mil tenha vindo para o nosso país.

A justificativa da ausência tanto da pidginização quanto da criouliização está resumida a seguir. Tendo sido formadas sociedades de habitação, houve uma alta integração e, consequente assimilação e miscigenação, pois no Brasil, existiam muitas plantações de café,



de fumo e de açúcar. Cada família de colonos recebia cinco escravos no máximo, tão logo, esses povos escravizados tiveram maior contato com a língua do superstrato e a assimilaram.

Naquela época, o número de colonizadores atingiu a marca de 30% do total da população brasileira. Porém, pesquisas apontam que para que ocorram os processos subsequentes de pidzinização e crioulização este percentual precisa chegar no máximo a 20%. Tendo sido assim, esses processos foram reprimidos em nosso território nacional,

Os dois processos foram aqui agora comentados a fim de trazer à tona fatores históricos que justificam a ausência de crioulização no Brasil, já que são importantes para compreender melhor o processo de desterritorialização pelo qual a língua lusitana percorreu até tornar-se a língua brasileira, já que as línguas são afetadas, no seu funcionamento, por condições históricas específicas (GUIMARÃES, 2005, p.2).

No período entre 1500-1554, os portugueses por tomarem conta do país só então, mesmo sendo estrato superior, precisaram aprender a língua indígena (língua do substrato) que a época ficou como “estrato superior”.

Com relação aos negros escravizados nesse processo que historiciza a língua brasileira, os portugueses seguiam o seguinte esquema: como as famílias africanas eram trazidas de diversas regiões do continente (africano), os lusitanos procuravam separá-las fazendo mesclas de línguas a fim de evitar/ dificultar motins que seriam facilitados pela comunicação caso unidos permanecessem.

Houve, então, primeiro o bilinguismo: português versus língua indígena e por conseguinte, houve o plurilinguismo; com toda essa mistura houve quatro línguas Gerais, uma vez que "o contato" entre tantas línguas tirou como resultado diferentes "falares" no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Minas e no Nordeste. O português ainda permanece em segundo plano, já que todos usavam a língua geral de base Tupinambás para se comunicarem.

Outra questão relevante na formação do PB é a forma como os lusitanos usaram para povoar o território brasileiro, visto que eram enviados povos portugueses oriundos de regiões lusitanas diversificadas que obrigaram, assim, a coexistência no mesmo espaço e tempo entre dialetos de regiões diferentes.

Considerando que a língua é um instrumento social, revelador dos elementos extralinguísticos que permeiam o falante que a usa, muito se deduz do quanto a presença de tanta diversidade geográfica e cultural significa linguisticamente o PB.

A língua Tupinambá supracitada permaneceu como primeira língua até quase o século XIX. Com a instalação da corte no Rio de Janeiro, em 1808, os brasileiros foram percebendo

as diferenças entre os falares, entre as línguas portuguesas; arriscamos dizer que entre o PB que aqui se ouvia e o PL que veio a ser ouvido só então.

Por esse viés, podemos correlacionar o fato elucidado acima aos conceitos que diferem a *língua imaginária* da *língua fluida* já aqui mencionados. Fazemos tal relação, porque a língua do colonizador aqui no Brasil, sendo categorizada como língua nacional e oficial, ilustra o conceito de língua imaginária. Essa suposta a manter a homogeneidade e unicidade em todo o território nacional:

Os gramáticos e eruditos consideravam que só podíamos falar uma língua, a língua portuguesa, sendo o resto apenas brasileirismos, tupinismos, escolhos ao lado da língua verdadeira. Temos assim em termos de uma língua imaginária, uma língua padrão, apagando-se, silenciando-se o que era mais nosso e que não seguia os padrões: da nossa língua brasileira (ORLANDI, 2005, p.9).

Por outro lado, coexiste a língua brasileira, a portuguesa desterritorializada, como a língua fluida capaz de significar de acordo com o(s) novo(s) espaço(s) e tempo(s) que:

Embora no início do século XIX muito se tenha falado da língua brasileira, como a Constituição não foi votada, mas outorgada por D. Pedro, e, 1823, decidiu-se que a língua que falamos é a língua portuguesa. E os efeitos desse jogo político, que nos acompanha desde a aurora do Brasil, nos faz oscilar sempre entre uma língua outorgada, legado de Portugal, intocável, e uma língua nossa, que falamos em nosso dia a dia, a língua brasileira. É assim que distingo entre língua fluida (o brasileiro) e a língua imaginária (o português), cuja tensão não pára de produzir os seus efeitos (ORLANDI, 2005, p.9).

A língua imaginária só vem reforçar o ideal da colonização que se apoia em negar que apesar de Portugal e Brasil falarem a mesma língua esta seja dita de maneira diferente, visto que no processo de importação dessa língua para o nosso território nacional, logicamente, ela se reterritorializa, se historiciza e passa, assim, a significar de forma diferente.

A problemática que essa contante tensão provoca no processo de ensino e aprendizagem é a hipervalorização da homogeneidade e o desprezo total à heterogeneidade linguística vastamente justificada pela história do processo de colonização brasileiro. A visão de unicidade é, na verdade, o silenciamento, a negação de como a nossa língua se historiciza.

Para qualificarmos o ensino de língua que praticamos na escola é preciso nos desarmos de certas evidências que permeiam tal processo de ensino e aprendizagem. Isso nos permitirá reconhecer que todos os falantes são sujeitos participantes de situações de linguagem diversificadas. Portanto, trocam entre si efeitos de sentidos variados.

Ou seja, ao invés de permanecermos na perpetuação de pensamentos fixos e preconceituosos que atrapalham o real aprendizado por meio da compreensão, por exemplo, dos processos linguísticos, gramaticais, devemos nos apoiar em teorias que nos proporcionem essa abertura a uma nova significação do como praticar o ensino de língua em sala de aula.

Para a Análise do Discurso, que se situa no entremeio das ciências humanas e sociais, compreende-se que, sobre uma base linguística qualquer, com sua específica materialidade, diferentes processos de produção de sentidos historicamente constituídos engendrados, o que faz com que falantes de uma dada formação social, usando uma mesma língua, signifiquem diferentemente.

Para a Análise do Discurso, o que se chama de realidade é resultado de processos históricos que, silenciando as diferenças e as disputas, produzem hegemonias de sentidos e ilusões de evidências. Em tal processo inscrito na linguagem, em sua relação necessária com a historicidade, depreende-se o funcionamento da ideologia subjetivando as posições discursivas daquele que toma a palavra (MARIANI, 2016, p.44).

Segundo a AD, não há realidade única, pois cada sujeito significará segundo a sua maneira, de acordo com a sua história. O sujeito significa e se significa por meio da linguagem. Quando uma verdade ilusória existe é porque há uma tentativa de apagamento da história do outro, da forma como o outro significa o mundo, logo, de como o outro se significa o que o rodeia.

Trazendo essa premissa para atitude de se negar as variedades linguísticas presentes no território brasileiro, percebemos, na verdade, uma violência simbólica de apagamento da significação daqueles que variam do comumente categorizado como norma padrão.

A prática política de tomar a palavra, ou seja, a de colocar-se como enunciador em determinadas condições sociais históricas de produção de sentidos é algo que instaura diferenças, mesmo quando se busca a compreensão mútua (MARIANI, 2016, p. 44).

Quando Pêcheux (1988) afirma que “uma língua, qualquer que seja, “comunica e não comunica”, ele indaga a máxima que afirma a unicidade, a homogeneidade da língua. Fato que ignora que à comunicação cabe falhas, pois, como sabemos, ainda que dois ou mais sujeitos usem a mesma materialidade linguística, ainda podem significar diferentemente.

Não somos seres com poderes absolutos sobre a nossa linguagem. Ainda que tentemos forjar a nossa identidade linguística e social por meio de um estilo monitorado de fala em determinadas situações, por exemplo, os ‘lapsos’ e ‘falhas’ inconscientes denunciarão as nossas origens.

Falar a mesma língua que outro sujeito não garante comunicabilidade entre ambos. Comprendemos essa realidade da língua(gem) ao percebemos que mediante a linguagem de que se lance mão para significar o mundo, não sabemos se terá o mesmo sentido pretendido ao se pronunciar tal enunciado. E, nem sabemos, ao menos, se se fará compreender.

Na sala de aula, o trato da linguagem precisa considerar a presença das diversas variedades constituintes do espaço. Principalmente, ao se escolher exemplos é preciso levar em conta as diversas realidades que ali se entremeiam. É preciso que seja ali um espaço que vá de encontro com as formas diferentes de significar o mundo. Quando a escola, rejeita ignorando realidade A ou B, ela também rejeita a realidade de vida desses estudantes das classes A ou B e, dessa forma, os desestimulam a compreender novos caminhos de significarem e ressignificarem o mundo que os cercam. Na ilusão de acreditar que há uma língua nacional, única e soberana, vivemos num paradoxo de que tal língua comunique e ao mesmo tempo não comunique, visto que segundo GUIMARÃES (2005):

A língua nacional é a língua do povo de uma nação enquanto relacionada com um Estado politicamente constituído. A língua nacional é por isso vista como a língua oficial de um país. Ter uma língua como própria de um país funciona como um elemento de sua identidade política e cultural (GUIMARÃES, 2005 apud MARIANI, 2018, p.51).

Assim, a língua ilusoriamente soberana, ao excluir outras formas de dizer, de significar, impede a comunicação efetiva. Cumpre, assim, o itinerário tradicional de se “corrigir” o divergente, as formas variantes da língua. E, por conseguinte, verificamos que o autopreconceito linguístico é uma das consequências do preconceito linguístico que impera em nossa sociedade, pois

Para funcionar produzindo identidade desse modo, língua nacional e nação deveriam se conjugar em uma relação especular e de unidade imaginária. Uma e outra ficam assim imaginarizadas em uma homogeneidade política necessária que silencia a divisão e apaga a heterogeneidade historicamente constitutiva dos seus processos de fundação e organização. No nosso país, o que acontece é que muitos brasileiros se sentem excluídos desse imaginário (MARIANI, 2016, p.51).

Diante deste silenciamento da voz que identifica o heterogêneo/, o divergente não só apenas se cala, como também se pune com atitudes de introjeção do preconceito sobre si mesmo, logo pela negação da própria fala.

No capítulo subsequente, falaremos sobre a metodologia utilizada no desenvolvimento do presente trabalho. Tal capítulo vem dividido em três subitens (2.1,2.2 e 2.3) organizados da seguinte forma: começaremos elucidando a natureza da pesquisa, discorreremos sobre o

contexto que a inspirou e, só então, explicaremos o processo para elaboração do caderno de atividades que se institui como o produto final.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 Natureza da pesquisa

O cotidiano escolar tende a naturalizar injustiças e atitudes preconceituosas, que muitas vezes silenciam vozes repletas de riquezas pelo tamanho de diversidade cultural e histórica que carregam. Essa realidade se repete a todo momento: às vezes, por falta de conhecimento científico, e outras vezes, por falta de sensibilidade do corpo docente.

Tendo eu, enquanto docente e refletindo sobre o meu papel de educadora, e observado no contexto escolar no qual interajo o quanto a diversidade linguística constitui esse espaço, senti forte a necessidade de desenvolver uma pesquisa em prol disso, pois o preconceito linguístico praticado por muitos que ali estão, contra os variados falares que permeiam o mesmo local, muito me incomodaram.

Para tanto, a abordagem metodológica da presente pesquisa seguirá a perspectiva da Teoria da Variação Linguística, também conhecida como a Sociolinguística Variacionista, visto que nos termos de Bagno (2015) muitos autores sociolinguistas se referem à língua como “um conjunto de variedades” no lugar da noção da língua como um sistema, e a tratam como um “polissistema constituído por múltiplas variedades.”

Teremos ainda como apoio os fundamentos da História das Ideias Linguísticas(HIL) para entendermos e justificarmos a formação do português brasileiro como uma variedade do português lusitano, assim como a presença da tamanha diversidade linguística em todo o território nacional, em oposição ao ideal de homogeneidade politicamente traçado por séculos.

A importância da evolução da ciência em nossas vidas deve ser salientada uma vez que as mudanças de nossos atos são decorrentes dos nossos conhecimentos adquiridos. Isso se observa, principalmente ao período após o advento da informática e da internet no início do século XX. Percebemos que as alterações do conhecimento científico nos direcionam a modos melhores de vida.

Somos beneficiados a todo tempo por descobertas em variados campos: da astrofísica, das tecnologias da exploração espacial, das ciências físicas e biológicas, assim como do conhecimento sobre as diversas etnias existentes.

A relação entre professor e aluno e a qualidade do processo de ensino e aprendizagem passaram a ser priorizado no início dos anos 80, fato que estimulou o aparecimento de

pesquisas na área educacional. Inicia-se uma tendência do professor a avaliar a própria prática:

A educação e, mais propriamente, o trabalho escolar de ensino e aprendizagem também têm sido objeto de pesquisa sistemática. Por tudo isso, é desejável que os professores e todos os atores envolvidos com a educação tenham uma postura pró-ativa na produção de conhecimento científico (PINDLER, L. SPINDLER, 1987; BOGDAN, BIKLEN, 1998apud BORTONI -RICARDO, 2008, p. 10)

O fazer científico desenvolvido em sala de aula pertence ao campo das ciências sociais, o que viabiliza ser produzida pelo cunho quantitativo (positivismo) ou qualitativo (interpretativismo). O positivismo é originário das ciências exatas, mais tarde migrou para as ciências sociais e ocupa ainda um espaço privilegiado até os dias atuais.

É visível que a produção de conhecimento científico tenha crescido muito no século passado e venha avançando na medida em que a humanidade caminha:

Durante o século XX, a humanidade avançou mais na produção de conhecimento científico do que em todos os milênios de sua existência até agora. As ciências, desenvolvidas nas universidades e em centros especializados mantidos pelos governos e pelas grandes corporações, estão organizadas em associações científicas, guardiãs da tradição e da fidedignidade da produção dos cientistas e responsáveis pela intensa divulgação de seus progressos. Mas não se pode imaginar que o nascedouro das ciências seja contemporâneo das modernas tecnologias. O conhecimento científico tem avançado juntamente com a história da humanidade (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 11-12)

Por causa do pioneirismo da lógica empirista, ou seja, do paradigma positivista em relação a hermenêutica-dialética, o paradigma interpretativista está introduzido como vertente nas ciências sociais e, somos, assim, obrigados a diferenciar uma da outra para que possamos compreender o papel e a importância de ambas no processo de fazer pesquisa das ciências sociais. A primeira privilegia a razão analítica, buscando explicações causais por meio das relações lineares entre fenômenos. A segunda pressupõe a superioridade dos significados culturais (J. HUGHES, 1980 apud BORTONI-RICARDO, 2008, p.130).

Uma questão relevante para diferenciarmos essas duas vertentes de pesquisa das ciências sociais é refletirmos sobre a representatividade do fato e do valor, assim como do senso comum em cada uma delas, pois “a ortodoxia positivista também postula uma aversão à metafísica e à própria filosofia e prevê uma distinção entre fato e valor” (HUGHES, 1980 apud BORTONI-RICARDO, 2008, p.15).

Em relação ao senso comum, a vertente positivista “valoriza o pensamento científico e considera o senso comum destituído de qualquer valor significativo. Mas a partir do século

XX, acompanhando as críticas a essa ortodoxia, surge uma tendência a se conferir relevância também ao senso comum” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.17).

Essa mudança de pensamento e adesão ao senso comum deu-se em função de, apesar de reconhecer a diferença da natureza dos processos científicos, percebeu-se a importância dessa inserção para as culturas humanas. Ou, seja, o senso comum é uma dimensão do conhecimento científico, pois é de grande valor no que se refere ao nosso conhecimento de mundo e o “cientista social pode valer-se dele para interpretar as ações socialmente organizadas e a forma como os atores sociais a veem, posicionam-se em seu interior e constroem seu sistema de interpretação.”(BORTONI-RICARDO, 2008, p, 18).

No início do século XX, surgiu a reação ao positivismo, uma vez que se percebeu a necessidade de uma opção diferente de fazer científico. O interpretativismo nasce por se considerar “que a compreensão nas ciências sociais não poderia negligenciar o contexto sócio-histórico, como por exemplo, o grande impacto do desenvolvimento da tecnologia que alterou as rotinas tradicionais.” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 31).

De acordo com o interpretativismo, o mundo deve ser observado a partir das práticas sociais associadas a seus significados. Além disso, as significações do pesquisador ocorrerão segundo a sua maneira de enxergar o mundo que o cerca e, assim, se significa.

Nesse sentido de fazer ciência sob o paradigma interpretativista de natureza qualitativa que, como já vimos, privilegia a capacidade de compreender o mundo do observador, faz das “escolas e especialmente das salas de aula, provarem ser espaços privilegiados para a condução da pesquisa qualitativa, que se constrói com base no interpretativismo.” (BORTONI-RICARDO, 2008, p, 32).

Considerando que a pesquisa qualitativa busca a compreensão e a interpretação de fenômenos sociais em determinado contexto, “o docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico tornando-se um professore pesquisador de suas próprias práticas ou das práticas pedagógicas com as quais convive, estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente.” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32-33).

A relevância de uma pesquisa qualitativa no microcosmo da sala de aula é capaz de revelar a maneira como os eventos observados ocorrem e explicará os acarretam. Por exemplo, se o professore pesquisador se debruçar na investigação de fatores que levam determinados educandos ao desinteresse pelas aulas de leitura e produção textual, esse professor conseguirá respostas à(s) sua(s) questão(ões) de pesquisa e, ainda terá caminhos para melhorar a própria prática.



A questão que motivou a minha pesquisa se refere ao silenciamento de muitos educandos nos momentos de exposição oral: correções de atividades, debates, conversas sobre temas inseridos em textos trabalhados em sala de aula e seminários. Perante observação cuidadosa durante cinco anos atendendo a mesma clientela, identifiquei a resposta para a minha indagação inicial: o preconceito contra o modo deles falarem.

Buscando aperfeiçoar a minha prática considerando a constatação desse preconceito linguístico silenciador de boa parte da minha comunidade escolar, iniciei uma busca por atitudes capazes de modificar essa realidade. E na tentativa de dar sentido a esse trabalho, considerei “o que essas ações significam para as pessoas envolvidas nelas?” e em “como essas ações têm lugar em um microcosmo como a sala de aula se relacionam com as dimensões de natureza macrossocial em diversos níveis: o sistema local em que a escola está inserida, a cidade e a comunidade escolar”? (ERICKSON, 1990, apud BORTONI-RICARDO, 2008, p.41)

A partir de então, decidi que deveria me aprofundar a fazer algo mais efetivo para modificar o que estava acontecendo ali. Digo isso, porque eu sempre motivava os meus estudantes tímidos e/ou silenciados a se colocarem publicamente, nem que fosse em trabalhos discursivos com apresentação para pequenos grupos. Sempre priorizei a discursividade como forma de amadurecimento e formação do cidadão. Em conversas em sala dos professores já cheguei a ouvir de colegas de área que sabiam quando o educando havia sido o meu aluno, visto que se colocavam com segurança diante de temas variados e/ ou reclamavam pela ausência de atividades de oralidade. E sempre tomei comentários dessa natureza como elogio, pois não objetivo apenas ser mera ditadora de normas e regras e, assim reprodutora de preconceitos/ estigmas que deixarão muitos estudantes do lado de fora.

Posicionando-me, então como professora pesquisadora, ao ingressar no curso do Mestrado profissional em Letras pela UERJ-FFP, vi a oportunidade de “produzir conhecimentos sobre meus problemas profissionais de forma a melhorar minha prática” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 46).

Nesse sentido, espero que a minha pesquisa consiga abrir um novo olhar capaz de fazer com que todos os pertencentes à comunidade escolar percebam o quanto a reprodução contínua desse preconceito linguístico em relação aos falares dos educandos tem sido nocivo ao ambiente estudado.

Desse modo, a vertente da sociolinguística, a variacionista nos suportará teoricamente, pois

O modo como a língua é ensinada na escola pratica tradicionalmente o modelo da deficiência. O principal pressuposto da tradição normativa é que cabe a escola o papel de compensar supostas carências socioculturais. Decorre desse pressuposto que a principal tarefa do ensino é substituir a variedade não-padrão pelo padrão. A esse modo de existência, a Sociolinguística propôs uma alternativa fundamental, segundo a qual variações de linguagem não devem passar por um crivo valorativo, já que não são mais que formas alternativas que o sistema linguístico põe à disposição do falante (CAMACHO, 2011, p.69).

## 2.2 O contexto inspirador da pesquisa

Fundamentando-se teoricamente com a Sociolinguística Variacionista (a Teoria da Variação linguística), a presente pesquisa está centrada no combate ao preconceito linguístico presente no espaço escolar que nos serviu como fonte de inspiração.

Tal inspiração se deu no contexto vivenciado por mim numa Escola Municipal do Rio de Janeiro, situada num dos limites do bairro do Anil, já fazendo fronteira com o bairro Gardênia Azul, bem próximo da comunidade de Rio das Pedras, em Jacarepaguá, Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. A unidade escolar atende alunos do 6º ao 9º ano. Sua clientela reside no próprio bairro (Anil), mas, principalmente, nos últimos espaços aqui citados.

Gardênia Azul e, principalmente, Rio das Pedras, são territórios permeados por imigrantes nordestinos, seja da primeira, segunda ou terceira geração. A comunidade escolar que serviu como fonte de inspiração para a presente pesquisa parece, assim, apresentar um fenômeno linguístico bastante rico, onde se percebe dentro do município carioca um espaço típico, constituído por diferentes falares, híbridos, com diversos nordestes, misturados aos falares cariocas.

Estar nessa escola, parece-nos ser bem diferente e inusitado do que estar em outra ou mesmo em outro local. Esse amalgama de falares fazem dessa comunidade escolar algo especial, assim como ocorre em outras escolas que abrangem o mesmo território.

Essa Escola possui 1.200 alunos organizados em 26 turmas que vão do 6º ao 9º ano, sob o regime de turno único, que se inicia às 7h 30min e se estende até às 14h 30min. Além dessas 26 turmas, há mais duas de Ginásio Carioca, que são turmas de aceleração de estudos, compostas por alunos que destoam da equivalência idade e ano escolar considerada adequada. Sendo que essas duas turmas excetuam-se deste regime de turno único, já que apesar de entrarem no mesmo horário que as demais, 7h 30min, saem a meio-dia.

O presente trabalho começou a ser realizado, principalmente, nas turmas do 7º ano (1705, 1706, 1707 e 1708), no período que abrangeria inicialmente os meses de fevereiro a novembro de 2020, nas aulas de Língua Portuguesa, que ocorreriam em 6 tempos semanais com 50 minutos para cada aula. Sobretudo, cabe destacar que desde 16 de março do referido ano, as aulas passaram a ocorrer remotamente, em função da prevenção do contágio do novo Coronavírus – Covid-19. O decreto Rio nº 47.282, de 21 de março de 2020 determinou que as creches e escolas municipais do Rio de Janeiro entrassem em recesso a fim de evitar, por meio do distanciamento social, que mais pessoas fossem contaminadas pelo vírus por conta das aglomerações nesses locais, onde é difícil o cumprimento das normas de segurança para que se evite a maior proliferação da doença.

A escolha das turmas se deu, por ser o 7º ano o período escolar que recebe o maior número de alunos imigrantes nordestinos na escola, e, também, por eu ser a professora regente nas mesmas.

Os sujeitos da pesquisa foram, até o dia 13 de março de 2020, os alunos das referidas turmas, que possuíam, em média, 42 alunos na faixa etária entre 12 e 13 anos cada uma, estando a maioria na primeira idade mencionada.

Porém, a partir da data supracitada os então sujeitos da pesquisa, passaram a compôr a fonte de inspiração. É importante dizer que eles assim foram reposicionados, uma vez que a proposta de intervenção desta pesquisa foi, então, substituída por um caderno de atividades, sobre o qual falarei na próxima seção.

O nosso alunado é, na sua maioria, proveniente de famílias nordestinas que migraram predominantemente dos estados da Paraíba, de Pernambuco e do Ceará, respectivamente. Ademais, alguns alunos não apenas são de famílias nordestinas, mas também nasceram naquela região e vieram para o Rio ainda bem pequenos.

Inclui-se ainda neste âmbito, alguns alunos que chegam ao longo do ano letivo acompanhando suas famílias que, como quase todas as outras da comunidade do Rio das Pedras e do bairro Gardênia Azul, vieram para cá em busca de melhores condições de vida. Esse é um traço marcante desses dois espaços populares constituintes do nosso corpo discente.

Existe ainda no nosso espaço escolar, numa quantidade menos expressiva, alunos que migraram da Bahia, do Piauí e do Maranhão. E adiciona-se, por último, a esse amálgama de falares um grupo bem mais reduzido composto pelos alunos provenientes do estado de Minas Gerais, que ainda que seja da região sudeste, enriquece muito a nossa realidade a nível de pesquisa linguística.

Portanto, supomos que, em contrapartida ao preconceito regional sofrido constantemente, principalmente ao que se refere à “nordestinidade”, os alunos que são afetados pelos seus falares marcados pelos “sotaques” passam-nos a impressão de que acabam reagindo, negando suas origens, por meio do silenciamento em atividades formais da prática pedagógica, tais como: seminários, leituras orais, debates, ou qualquer outra laboração que exija a participação e exposição oral diante do grupo.

Outras maneiras de camuflar suas origens podem-se dar através da ridicularização do outro, da extroversão perante o grupo, que o indivíduo utiliza como estratégias, defesas ou mesmo mecanismo de autoinserção na comunidade linguística escolar que os excluem, muitas vezes sem perceber. Ambicionando minimizar os problemas expostos até aqui, tomaremos como fundamento para a produção do nosso caderno de atividades, os aspectos postulados pela sociolinguística defendidos por Bagno (2015), Bortoni-Ricardo (2004), Lucchesi (2019) e Tarallo (2000).

Em obediência à Portaria 0033/2020, a proposta de intervenção que seria uma feira nordestina interdisciplinar intitulada “Não se avexe, fale”, foi substituída pela proposta de um caderno de atividades<sup>2</sup> com a finalidade de se trabalhar a diversidade linguística no espaço escolar.

Assim que possível, pretendo realizar a proposta de intervenção a que me propus inicialmente, anterior ao período pandêmico, assim como também desejo usar o caderno de atividades que compõe o modelo atualizado da presente pesquisa.

Esperamos propor, por meio desse conjunto de atividades, às comunidades nas quais venham a ser aplicadas, reflexões associativas das características linguísticas às características histórica, social e cultural componentes desses locais. Pretendemos, assim, despertar o respeito à diversidade cultural, uma vez que se perceba que tal contato só enriquece.

### **2.3 A elaboração do caderno de atividades**

Com o intuito de fazer os alunos refletirem a língua como elemento cultural e social, esse conjunto de atividades terá como textos-base gêneros diversos que nos permitirão discutir e enxergar o preconceito linguístico como consequência do preconceito social. Para

---

<sup>2</sup> O caderno de atividades está disponível de forma completa no Apêndice A: caderno do professor e o caderno do estudante.

tanto, selecionaremos textos pertencentes, principalmente, à cultura nordestina, assim como textos de gêneros jornalísticos, enfim, textos que retratem a variação como estigma do que representa o outro, por exemplo, que nos permitam discutir tais temas.

Além dos exercícios acerca de textos variados, o material contará com pequenos excertos introdutórios a fim de inserir conceitos teóricos da sociolinguística variacionista, que nos servirão como embasamento teórico principal na presente pesquisa, assim como, nortearão outros docentes que possam vir a usar o material.

O título desse produto é “Não se avexe não, fale”: Uma proposta de atividades sobre a diversidade linguística no espaço escolar”. E para a produção dessas atividades, pensei em 4 textos que julguei importantes para a discussão do tema em questão, ou seja, a variação no uso da língua, principalmente, ao que se refere à variação regional (variação diatópica), priorizando a questão da nordestinidade, que é traço formador da cor local da comunidade escolar que inspirou a pesquisa.

Enfatizo que esse conjunto de atividades constitui na verdade um conjunto de sugestões e os professores que desejarem fazer uso dessas sugestões, poderão substituir os textos por mim escolhidos, a fim de adequarem às realidades vivenciadas em seus respectivos espaços escolares.

Com o intuito de facilitar a reutilização e multiplicação deste material, preoquei-me em produzir e anexar duas versões distintas: uma versão para o professor e a outra, para o estudante. Saliento que há diferença encontra-se na presença de verdadeiras conversas com o professor, a fim de que ele se sinta co-participante do processo.

Acrescento que a observação da dinâmica escolar desses alunos nos últimos dois anos, incluindo a sala de aula e os momentos de recreio, nos quais eles interagem linguisticamente por meio de estilos “não monitorados” (BORTONI-RICARDO, 2004) também nos serviu como fonte de inspiração para elaboração desse material.

Para tanto, cada uma das atividades é composta por 4 etapas: 1-motivação para a leitura e debate do texto (conversa informal acerca do tema a ser abordado pelo texto); 2-Leitura (individual/silenciosa seguida pela leitura coletiva/oral); 3-Análise e interpretação coletiva dos textos (execução das atividades propostas em pequenos grupos de 4 a 5 alunos) e 4-exposição oral (correção das questões).

Todas as atividades são acompanhadas por caixas de diálogos que representam uma conversa com o professor-colaborador que desejar fazer uso dessas atividades. Tal conversa tem por intenção sugerir e facilitar a abertura a formas variadas de se desenvolver esse trabalho em sala de aula, visto que, é possível encontrar novas formas de significar e tematizar

o uso da variação linguística de acordo com o contexto no qual seja aplicado.

O objetivo da atividade 1. “As barreiras linguísticas do dia a dia”, é tematizar os equívocos da comunicação decorrentes da comunicação entre falantes de variedades linguísticas bem distintas. Pode ser abordado, principalmente, o seguinte tópico nesta atividade: a variação lexical em relação à faixa etária, à classe social e à profissão.

Na atividade 2. “O falar revela nossas origens”, temos a intenção de discutir acerca da seleção lexical/ escolha vocabular como consequência da região da qual originamos. Ou seja, falamos das diferentes maneiras que alguns objetos são nomeados de acordo com a origem regional do falante.

Já na atividade 3. “O preconceito é mais sobre o sujeito que fala diferente do que pelo falar diferenciado”, nos propomos a discutir sobre o preconceito linguístico que recai sobre o sujeito que faz uso de variações linguísticas socialmente estigmatizadas. Isto é, discutimos a questão do preconceito social como consequência do uso linguístico.

Por fim, com a atividade 4. “Desvendando os preconceitos e desconstruindo estereótipos”, traçamos uma tentativa de discussão acerca de atos preconceituosos que reduzem a cultura do povo nordestino e/ ou da zona rural à ridiculização.

Portanto, pretendemos de um modo geral, propôr, por meio desse conjunto de atividades, um alerta ao “reconhecimento da diferença” discutido por Boaventura de Souza Santos (2007) e que aqui na presente pesquisa aparece como mola propulsora a todo o trabalho produzido. Pois, percebemos que:

O pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que estas últimas fundamentam as primeiras. As distinções invisíveis são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o deste lado da linha e o do outro lado da linha. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer modo de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção de inclusão considera como “outro”. A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha (SANTOS, 2007, p.71)

Desse modo, buscamos, por meio reflexivo, tornar visível e reconhecido como existentes, os falares produzidos por pessoas que são “do outro lado”, e que por isso permanecem silenciados por uma violência simbólica que se dá por meio de preconceito linguístico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, tive por objetivo principal chamar a atenção para a necessidade de se articular os temas da variação e do preconceito linguístico aos conteúdos trabalhados em sala de aula. Na pretensão de alcançar essa intenção, eu me propus a produzir um conjunto de atividades com base em textos cujos temas abarcam diferentes preconceitos contra variadas formas de se dizer algo, ao mesmo tempo que tentei desnudar os motivos que levam o sujeito a variar na fala.

Com base na tentativa de responder a questão de por que alguns sujeitos julgam a sua maneira de falar superior a de outros, tendo sido inspirada pelo contexto cujos falares são delineados por vários estados nordestinos dentro do Rio de Janeiro, logo, por uma diversidade linguística expressiva, dediquei-me à tentativa de tornar aparente essa realidade etnocêntrica que separa os sujeitos dentro do espaço escolar de forma silenciosa.

Passados alguns anos lecionando no contexto escolar que me inspirou a presente pesquisa, incomodei-me profundamente ao presenciar atitudes preconceituosas e falas depreciativas que silenciavam as vozes dos estudantes cujos traços linguísticos denunciavam a sua origem regional nordestina.

Estereótipos, xingamentos, bullyings. Assim era composta a realidade que me deixava frustrada no dia a dia em sala de aula quando eu tentava conversar sobre o quanto tudo aquilo que nos acompanhava era preconceituoso, e percebendo quemais atitudes intolerantes à diversidade presente naquele espaço eram praticadas.

Foram inúmeras as vezes que precisei interromper a explicação ou correção de um conteúdo para repreender algum estudante praticando atos de violência verbal, rejeitando a fala de outro colega. Os *censurados* ficavam cada vez mais em silêncio, praticando o que Mariani (2016) nomeia como “autopreconceito linguístico”, subjugando a própria maneira de falar.

Nesta trajetória, decidi que precisava fazer algo além das tentativas isoladas e frustradas de combater esse tipo de hostilidade silenciosa que estava como componente constante em nosso cotidiano escolar. Foi quando escolhi tal tema como foco a ser desmistificado.

Para tanto, preparei um conjunto de atividades para o qual busquei base nos estudos da Sociolinguística (BAGNO, 2015), (BORTONI-RICARDO, 2004), (LUCCHESI, 2019), (TARALLO, 2000), da Sociologia da Educação (BOURDIEU, 1979), da Educação

(SOARES, 1986), e da Análise do Discurso (MARIANI, 2004; 2016; ORLANDI, 2005; 2013).

Com o propósito de trabalhar mais de um tipo de variação, selecionei textos que abarcassem a variação geracional, a variação lexical, o uso de gírias, a variação regional, assim como, a reprodução de estereótipos contra o nordestino principalmente.

Preparei, então o conjunto de atividades com práticas de leitura e interpretação que tentassem conduzir os alunos a reconhecer que a variação no uso da língua é um fenômeno intrínseco a qualquer língua.

Formulei questões na tentativa de convidar os estudantes a perceberem que há variadas formas de se usar a mesma língua e que, portanto, todos os usos devem ser respeitados e valorizados, visto que, estes usos sejam impactados por fatores extralinguísticos: as realidades geográficas, sociais, econômicas e culturais.

Na sequência da produção deste material, provo quei, por meio dessas questões interpretativas, discussões acerca do preconceito linguístico como consequência do preconceito social muito presente em nossa sociedade que insiste na ideia de uma língua única e homogênea.

Por fim, com o fito de motivar os alunos silenciados pelo contexto escolar preconceituoso a se expressarem oralmente, planejei dinâmicas discursivas a fim de serem conduzidas como conversas informais. Julguei essa uma boa estratégia para incentivar esses estudantes a se colocarem sem acanhamento diante da turma, assim como em outros contextos que forem assim o exigidos.

Conforme falado antes, não tivemos como intenção banir ensino dos conteúdos que são trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa. Traçamos objetivos acima, pretendendo tornar visível o preconceito linguístico presente no espaço escolar a fim de combatê-lo. E, acima de tudo, destacar a necessidade de se incluir a variação linguística e o preconceito linguístico como temas a serem trabalhados em qualquer contexto escolar.



## REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística - Parte I. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (ed.). *Introdução à Linguística*. São Paulo: Cortez, 2001.
- ANTUNES, I.C. *Muito além da gramática: Por um ensino sem pedras no caminho*. Belo Horizonte: Parábola, 2003.
- BAGNO, M. *A norma oculta: Língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, M. *Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2009.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: O que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2015.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 13-22.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, 1933.
- BORTONI-RICARDO, S. M. A comunidade de fala brasileira. *Educação em língua materna. A sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO. *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 136.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa*. Ensino fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- BOURDIEU, P. *Os três estados do capital cultural*. Tradução de Magali de Castro. In: *Escritos da Educação/ Maria Alice e Afrânio Catani (Orgs.)*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p.71-79.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A. 1989, p. 159.
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 51-83.

CÂMARA Jr. J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1970.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. *Sociolinguística*. In: MARTELOTA, M.E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 141-155.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

CHRISTÉ, P. de S. Pesquisa-ação em Mestrados Profissionais: análises de pesquisas de um programa de pós-graduação em ensino de ciências e de matemática. *Revista Ciência & Educação (Bauru)*. São Paulo, 2016, v. 22, n. 3, p. 789-808.

COELHO, P. M, C. R. *O tratamento da variação linguística no livro didático de Português*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2007.

COHEN, M. S. R. *Pour un sociologie du langage*. Paris: Michel, 1956.

COSTA, M. A. Estruturalismo. In: MARTELOTA, M.E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2018, p. 113-26.

COSTA, T. de A. da. *Alguns apontamentos para uma história da HIL na França e no Brasil. Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas, SP, 2019, n. 44, p. 9–34. DOI: 10.20396/lil.v0i44.8657785. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8657785>. Acesso em: 23 nov. 2021.

CUNHA, A. F.; DA COSTA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. Linguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 15-30.

DE MAURO, T. *Storia linguistica dell'Italia unita*. Prima edizione, Roma: Laterza, 1963.

FARACO, C. A. *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo, SP: Parábola, 2008.

FARACO, C. A. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

FÁVERO, L. L. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística: I. Objetos teóricos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

FOLHA DE S. PAULO. *O Tamanho da Língua: Ossotaques do português*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8uFkciZLnNU>. Acessado em: 23 nov. 2021

FONSECA, H. D. C. da. Influências de Bloomfield sobre a Linguística moderna. *Revista Sitientibus*. Feira de Santana, 2010, n. 42, p. 131-40, jan./jun. Disponível em: [http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/42/8\\_influencia\\_de\\_bloomfield.pdf](http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/42/8_influencia_de_bloomfield.pdf). Acessado em: 23 nov. 2021.

GUIMARÃES, E. Brasil: país multilíngue, p. 22-55 In.: GUIMARÃES, E. (Org.). *Línguas do Brasil: Ciência e Cultura (temas e tendências)*. São Paulo, 2005, n.2, vol.57, abr./jun.

KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, M.E. (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p.127-40.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno et al. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, R. J. *Variação linguística e os livros de português*. São Paulo: Contexto: 2014.

LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola, 2004.

LUCCHESI, D. Teoria da variação linguística. *Vertente do português popular do Estado da Bahia*. Salvador: UFBA, 2020. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>. Acessado em: 4 jun. 2021.

LUCCHESI, D. África e Brasil: Contatos Linguísticos. Abralín ao vivo- Linguists online- 04/05/2020 a 31/07/2020. Disponível em: <https://youtu.be/hlbCm3fOQuy>-Acessado em: 11 jul. 2020.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARIANI, B. *Colonização linguística*. Campinas: Pontes, 2004.

MARIANI, B. O político, o institucional e o pedagógico: quanto vale a língua que ensinamos? *Matraga*. Rio de Janeiro, 2016, v. 23, n. 38, jan./ jun.

MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2018.

MATTOS E SILVA, R. V. *Contradições no Ensino de Português*. São Paulo: Contexto; Salvador: UFBA, 1997.

ORLANDI, E.P. A língua brasileira. In: GUIMARÃES, E. (Org.). *Línguas do Brasil: Ciência e Cultura (temas e tendências)*. São Paulo, abr.-jun. 2005, n. 2, vol.57, p.22-55.

ORLANDI, E.P. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2013.

PEDROSA, J. L. Variação fonético-fonológica e ensino do português. In: MARTINS, M.A.; VIEIRA, S.R.; TAVARES, M.A. (Orgs). *Ensino de português e Sociolinguística*. São Paulo: Contexto: 2014.

PERINI, M.A. *Gramática Descritiva do Português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

PERINI, M. A. *Sofrendo a Gramática*. São Paulo: Ática, 1997.

- PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org). *Introdução à linguística*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- PIETROFORTE. A. V. A língua como objeto da Linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, p. 75-94.
- SANTOS, B.S. Para além do pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes, p.71-94 in: SANTOS, B. De S.; MENESES, M.P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez Editora, 2007,
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix: 1995.
- SKINNER, B. F. *Questões Recentes na Análise Comportamental*. Campinas SP: Papirus, 1995, p.145-50.
- SOARES, M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 18 ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.
- VIEIRA, S. R.; F, G. Variação morfossintática e ensino de português, p. 81-114  
In: MARTINS, M.; VIEIRA, S.R.; TAVARES, A. (Orgs). *Ensino de Português e Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, 2005, v. 31, n. 3, p. 443-66. Disponível em: <https://scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acessado em: 22 nov. 2021.
- VYGOTSKY, L. V. *Pensamento e Linguagem*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- WEINREICH, U. *Languages in Contact: Findings and Problems*. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

**APÊNDICE A** – Não se avexe não, fale! Uma proposta de atividades sobre a diversidade linguística no espaço escolar:

## **CADERNO DO PROFESSOR**

### **PALAVRAS INICIAIS**

Variar é sinônimo de se diferenciar e é preciso assumir que ser igual é muito difícil, visto que os seres sejam individuais em relação às suas realidades sociais, históricas, culturais entre outras. Portanto, é nos espaços públicos que os diferentes se encontram e precisam, assim, coexistirem, logo, essa coexistência não deve ser de confronto negativo, mas sim de respeito às diferenças para que se chegue a um ponto em comum: a interação, o respeito e o amadurecimento intelectual e pessoal.

Nesse sentido, a escola, espaço público representado pelo professor, não deve estigmatizar variantes linguísticas presentes em seu espaço, visto que tal prática gere dificuldades de aprendizado, além de contribuir para a perda de autoestima e, leve, assim, o aluno a usar a língua de maneira insegura, gerando, muitas vezes, o silenciamento desses estudantes.

Essa realidade é de grande valia quando se percebe que ao invés de ter uma atitude repressora com relação aos diversos falares presentes no âmbito escolar, o corpo docente aceita a bagagem linguística dos seus alunos e a utiliza como ponte a torná-los “políglotas” da própria língua e, acima de tudo, sujeitos críticos linguisticamente, de modo que sejam capacitados a adequarem os próprios falares aos diversos contextos a que vierem a ser submetidos ao longo de suas vidas e se assim desejarem.

Sendo assim, o que aqui se pretende não é a banalização das normas linguísticas, não queremos banir o ensino gramatical nas escolas, mas sim, acima de tudo, possibilitar o acesso igual a todo o corpo discente aos conteúdos que lhes forem apresentados em sala de aula, sem que esses alunos sejam excluídos do processo de ensino–aprendizagem por serem “portadores de variantes linguísticas diferentes”.

Para tanto, o principal objetivo deste caderno de atividades é levar os alunos a reconhecerem e a valorizarem a diversidade linguística no espaço escolar. Para que dessa forma o respeito pela diferença seja realidade em contextos que até então eram hóspedes. Pretendemos desenvolver esse processo, levando esses educandos à observação e entendimento reflexivo sobre os diversos falares coexistentes no dia a dia de todo espaço escolar.

Apesar de o caderno focar na variação diatópica, também conhecida como variação

regional, deixamos claro que os outros dois principais tipos de variação, ou seja, a variação diastrática (social) e diafásica(estilo) podem estar presentes nas atividades.

Tomamos como base o postulado pela sociolinguística cuja principal defesa é a de que a variação é uma característica inerente à língua, e tão logo todas as formas de uso da língua devem ser reconhecidas e respeitadas de forma tão espontânea quanto de fato o são.

Portanto, sugerimos que os textos selecionados para este caderno sejam trabalhados em sala de aula seguindo as seguintes etapas:

### CADERNO DO PROFESSOR

**Professor, nesta etapa inicial, você pode, a seu critério e de acordo com a realidade da sua comunidade escolar, iniciar uma conversa informal sobre o tema que será abordado pelo texto.**

#### 1 -*Motivação:*

Conversa informal acerca do tema variação de linguagem tratado pelo texto que será trabalhado/ analisado;

**Nesta etapa, no ato da leitura oral e coletiva, sugerimos que você, professor, medie uma breve discussão acerca do tema principal do texto.**

#### 2 - *Leitura e debate:*

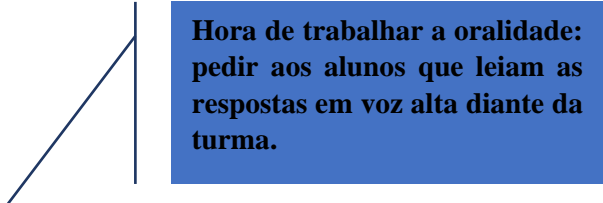
leitura silenciosa individual , seguida pela leitura oral e coletiva dos textos;

**Sugerimos que os alunos registrem individualmente suas respostas ainda que a etapa possa ser realizada em pequenos grupos.**

**Esta etapa pode ser feita em grupos de 4 a 5 alunos a fim de viabilizar a maior interação dos estudantes**

#### 3- *Análise e Interpretação coletiva dos textos:*

proposição de questões que levem os alunos à reflexão e compreensão global dos temas propostos em cada texto;



**Hora de trabalhar a oralidade: pedir aos alunos que leiam as respostas em voz alta diante da turma.**

#### 4 – *Exposição oral:*

Correção oral das questões propostas.

### **ATIVIDADE 01-“As barreiras linguísticas do dia a dia”**

**Objetivo principal:** há diversos fatores

Debater com os estudantes sobre os seguintes pontos:

- a) A linguagem ainda que tenha a função principal de estabelecer comunicação entre os sujeitos, depende de diversos fatores extralinguísticos determinantes para que essa comunicação ocorra efetivamente ou não;
- b) A língua varia de acordo com os sujeitos que a usam no dia a dia e é ela, a língua, capaz de nos informar particularidades de cada sujeito falante. A língua varia de acordo com a região onde o falante vive, o grupo social ao qual pertence e à situação em que se encontra, que faz com que ele esteja monitorando mais ou menos seu falar.

Contudo, há de se destacar que algumas relações comunicativas podem ser equivocadas quando dois ou mais falantes de variantes distintas tentam se comunicar. Na atividade de hoje, veremos dois exemplos nos quais a comunicação não se efetiva perfeitamente por conta desses usos muito divergentes.

#### **Etapa 1: motivação:**

*-Caro colaborador(essa palavra colaborador vem de uma ideologia bem diferente da que se pretende com essa proposta!!!) sugiro iniciar uma conversa informal com base na observação das linguagens verbal e não verbal presentes no texto em análise.*

**Dica:** Pergunte-os quais elementos verbais e não verbais da charge 1 causam

## Etapa 2: leitura e debate dos textos:

“Etapa a ser feita coletivamente por toda a turma.”

1 - Leitura individual silenciosa

1.1- Leitura oral coletiva ← → 1.2- Discussão sobre o tema dos textos.

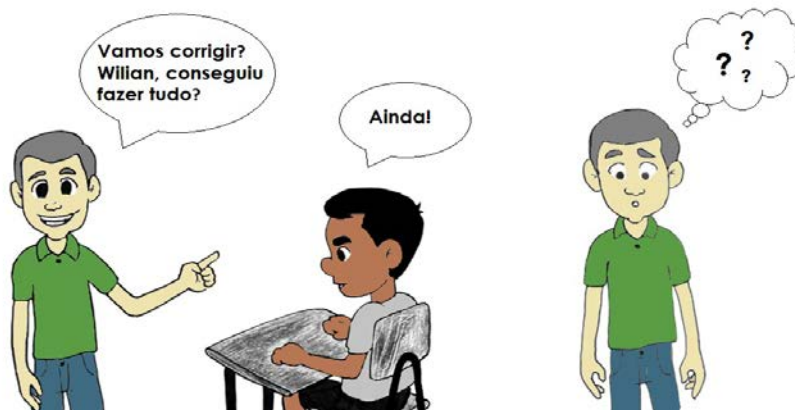
Texto 1:



(Disponível em: <https://images.app.goo.gl/CQMua1Lv5WHUmqFW6>)

Professor, o texto abaixo foi produzido com base na gíria “AINDA” por essa ser muito usada na comunidade escolar que inspirou este conjunto de atividades. Caso julgue necessário, crie (crie ou selecione? O professor pode selecionar outro texto, já existente) outro texto com ênfase em alguma gíria que faça parte da realidade da unidade escolar na qual pretenda aplicar a atividade.

Texto 2:



Glossário:

*Ainda*

Gíria carioca usada principalmente por jovens moradores de espaços populares.



1. **Claro, com certeza.**

**Etapa 3: Análise textual:**

*Interpretação* – submeter os alunos às seguintes questões:

1) Qual personagem do texto 1 está aparentemente de acordo com o espaço em que estão: o homem vestido com terno e gravata ou o surfista? Justifique a sua resposta.

---



---

2) Observe as linguagens verbal e não verbal do texto 1 e opine sobre o motivo que, provavelmente, justifique a cara de estranhamento que o surfista faz.

---



---

**Professor, se julgar necessário, fale sobre formas linguísticas que caem em desuso (português arcaico) ao passar dos anos e geram um conflito interacional geracional.**

3) Você costuma ouvir ou usar as palavras “elípticos” e “pega-las-emos”? Conhece o significado delas?

---



---



---

4) Como texto 2, temos um cartum que reflete um conflito. Que conflito é esse?

---



---



---

5) Na sua opinião, no 2º texto, o que atrapalhou a comunicação entre os interlocutores? Justifique a sua resposta.

---



---



---

6) Você já passou por alguma situação semelhante ao que ocorre com o estudante representado no texto 2 ? Em caso positivo, conte como foi?

---



---



---

7) Comparando os dois textos acima, o que há em comum entre eles? Explique e debata, posteriormente, com a sua turma.

---



---



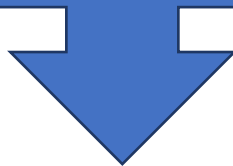
---

#### **Etapa 4: *Trabalhando a oralidade!***

**Professor, aqui faz-se necessário sistematizar o que são variedades linguísticas.**

**Nos termos de Bagno, 2013, quando falamos em língua portuguesa, usamos um rótulo único para designar múltiplos modos de dizer que são consequência das diversas sociedades e culturas em que as línguas são usadas. Logo, cada um desses modos de dizer será nomeado por variedade linguística.**

Caro professor! Ao optar pela prática desta produção, terá uma oportunidade de ver o quanto a sua comunidade escolar é diversificada no que se refere ao uso de palavras. Outra questão relevante será o aumento da aproximação interpessoal entre professor e aluno.



Após esse primeiro conjunto de atividades, ficou claro que podem ocorrer conflitos na interação entre sujeitos que usem variedades linguísticas de uma mesma língua. No nosso caso, usamos a língua portuguesa e ela se modifica por diversos motivos e de diversas maneiras. Durante as atividades anteriores, pudemos refletir um pouco sobre o tema. Agora, vamos fazer a correção oral dessa atividade.

## Desafio!

Atividade de pesquisa!

Vamos montar um vocabulário de gírias e expressões usadas pelos estudantes da nossa comunidade escolar?!

1º - Faça o levantamento de gírias e expressões que sejam faladas no dia a dia da escola de vocês e /ou pelos seus colegas. Para isso, farão um trabalho quase de espiões, pois observarão conversas informais que ocorram entre os estudantes em momentos diversificados: a) durante a entrada na escola; b) em sala de aula nos intervalos recorrentes entre as trocas de professores; c) na hora do recreio e/ ou do almoço;d) na hora da saída.

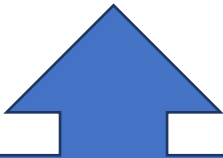
Dica: Importante é fazer esta observação de forma discreta , ou seja, sem que os outros estudantes percebam que estão sendo observados na fala por vocês.

2º-Agora, em sala de aula, você e seus outros colegas detetives, tentarão se lembrar do maior número de palavras que tenham observado na etapa anterior.

Dica: Anote-as num caderno ou num bloco de anotações coletivos que ficará sob a responsabilidade de algum representante escolhido pela turma.


3º- Anote os significados de cada uma dessas palavras e expressões apreendidas ao longo das etapas anteriores.

Dica: as três etapas anteriores devem ser realizadas ao longo de duas semanas, a fim de que consigam um número significativo de novas palavras usadas pela comunidade escolar.



**Professor, o número de aulas para esta etapa da atividade será definido de acordo com a quantidade de palavras e expressões anotadas por seus seus estudantes, já que essa quantidade poderá variar de uma turma para outra.**

4º- Façam, então “mesas-redondas” a fim de discutirem em sala o significado dessas palavras, empregando-as oralmente em frases que as contextualizem



**Professor. Sugiro que a turma se disponha num grande círculo a fim de configurar uma mesa redonda.**

5º- Por fim, compilem as palavras junto aos seus respectivos significados e formem finalmente o ' vocabulário sociolinguístico' que será uma produção coletiva capaz de contar um pouco sobre as variantes linguísticas a nível de uso palavras da geração de vocês na escola onde atuam.

\*Elaborem uma capa bem criativa para o vocabulário de vocês, assim como escolham um nome bem significativo e atraente .

Atividade 02:“O falar revela nossas origens”



*Objetivo principal:*

Mostrar aos estudantes que apesar de a língua portuguesa ser a língua oficial do Brasil e também a língua nacional, esta língua é heterogênea por vários motivos e um desses motivos está relacionado ao fato de cada região brasileira trazer como costume uma maneira particular de falar. Aqui é importante ressaltar que tal particularidade vem muitas das vezes representada pela escolha/variação lexical. Ou seja, alguns elementos são nomeados de maneiras diferentes de acordo com o lugar/ a região do falante.

Etapa 1: Motivação

Caro professor, sugiro que inicie uma conversa informal questionando os estudantes sobre o fato de já terem ou não percebido o fato de que as regiões e, também, estados do Brasil usam nomes diferentes para designarem os mesmos objetos.

Se desejar, liste no quadro alguns exemplos dessas palavras! Sugestões de palavras:

1. **Semáforo** vira **Farol** (em São Paulo) ou **sinaleira** ( nos estados da região Sul);
2. **Biscoito** no Rio de Janeiro, na Bahia e em outros estados nordestinos vira **bolacha** em São Paulo e em cidades do Sul e do Centro-Oeste;
3. **Pipa** e **papagaio** no Rio de Janeiro e em São Paulo vira **arraia** na Bahia, **pandorga** no Paraná, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina e balde no Maranhão;
4. **Abóbora** no Sul, no Sudeste e no Centro-Oeste é **jerimum** na região Norte;

## Etapa 2 : leitura e debate dos textos:

### 1- *Leitura individual silenciosa*

Peça aos estudantes que falem quais palavras do texto chamaram a atenção deles.

1.1 - Leitura oral coletiva ← ↑ → 1.2 - Discussão sobre o tema do poema

#### ***Falando sobre o autor:***

***Bráulio Bessa nasceu no Sertão do Ceará, no ano de 1986. Com 14 anos, entrou em contato com a poesia de Patativa do Assaré(1909-2002) e se tornou um “fazedor de poesias”, como ele mesmo se define. Ao ingressar na faculdade, no curso de Análise de Sistemas, criou um movimento na internet para divulgar e defender o povo e a cultura nordestina, do preconceito que aflora no resto do país. Com o sucesso conquistado passou a ocupar semanalmente um quadro intitulado “Poesia com Rapadura”, no programa Encontro, da Fátima Bernardes na Rede Globo.***

Texto:

*Prefiro a simplicidade  
Carne-seca e macaxeira  
um cozido de capote  
água fria lá no pote  
melhor que da geladeira.  
No terreiro a poeira  
se espalha na imensidão  
de paz e de comunhão  
que não se vê na cidade.  
Prefiro a simplicidade  
das coisas lá do Sertão.  
Bodegas pra se comprar  
é o nosso supermercado  
que ainda vende fiado  
pois dá pra se confiar.  
Um caderno pra anotar  
não carece de cartão  
pois às vezes falta pão  
mas não falta honestidade.*

Prefiro a simplicidade  
das coisas lá do Sertão.  
Tem cuscuz na cuscuzeira,  
tapioca e mucunzá  
um bolinho de fubá  
e tripa na frigideira.  
Milho assado na fogueira  
que aquece o coração  
além de ser tradição  
é comida de verdade.  
Prefiro a simplicidade  
das coisas lá do Sertão.  
A família retratada  
pendurada na parede  
não tem curtidas na rede  
mas tem rede bem armada.  
A vida não é postada  
nem passa em televisão,  
o HD do coração  
é quem salva de verdade.  
Prefiro a simplicidade  
das coisas lá do Sertão.  
A criançada brincando  
de ser livre, de ser vivo  
sem ter um aplicativo,  
sem ter download baixando.  
Vejo um menino pintando  
um desenho feito à mão  
sem nenhuma intervenção  
lhe roubando a ingenuidade.  
Prefiro a simplicidade  
das coisas lá do Sertão.  
Tem o som da natureza  
melhor que MP3  
eu garanto a vocês  
nem se compara a beleza.  
Existe tanta riqueza  
espalhada nesse chão  
como disse Gonzagão  
e ecoa na eternidade.  
Prefiro a simplicidade  
das coisas lá do Sertão.  
Tem a seca, essa bandida  
que é cinza feito o asfalto,  
porém não temos assalto  
tampouco bala perdida.  
Não é fácil nossa vida,  
mas transbordo a gratidão  
de viver nesse torrão  
mesmo com dificuldade.

Prefiro a simplicidade  
das coisas lá do Sertão.  
Ninguém venha me tachar  
de matuto, ultrapassado,  
tampouco desinformado,  
é fácil de se explicar.  
Se um dia o homem usar  
toda e qualquer invenção  
pensando em evolução  
e no bem da humanidade,  
a tal da modernidade  
é bem-vinda no Sertão.  
(Bráulio Bessa)

Glossário:

*Bodega*- (s. f.): 1. casa de pasto ordinária. 2. pequena venda de secos e molhados; boliche.

*Macaxeira*- (s.f.): 1. MANDIOCA. 2. AIPIM ('raiz').

*Matuto*- (adjetivo /s. m.) 1. diz-se de ou indivíduo que vive no campo e cuja personalidade revela rusticidade de espírito, falta de traquejo social; caipira, roceiro, jeca. 2. Aquele que demonstra timidez, retraimento, desconfiança.

*Torrão* – (s.m.) 1. Pedaco de terra aglomerada formando um volume. 2. Solo, terreno.

### Etapa 3: Análise textual

1. Sobre tudo o que é retratado no poema, o que chama mais a sua atenção? Justifique a sua resposta com base na sua experiência de vida.

---



---



---

2. “Macaxeira, mandioca ou aipim”, qual dessas variantes você e seus familiares usam no dia a dia para nomear o referido alimento que apresenta um desses três nomes de acordo com a região brasileira? Justifique dizendo em qual estado você mora?

---



---

3. Observe os versos seguintes e responda: “Bodegas pra se comprar/é o nosso supermercado/que ainda vende fiado/pois dá pra se confiar. /Um caderno pra anotar/não carece de cartão/pois às vezes falta pão/mas não falta honestidade”.

a) Além da honestidade mencionada nos versos acima para se vender fiado, o que mais é necessário para que esse tipo de venda ocorra?

---



---

b) Na sua opinião, por que essa prática não é constante nas cidades grandes?

---



---

4. “A família retratada/pendurada na parede/não tem curtidas na rede/mas tem rede bem armada. /A vida não é postada/nem passa em televisão, /o HD do coração/é quem salva de verdade. /Prefiro a simplicidade/das coisas lá do Sertão.”

Nos versos acima percebemos a crítica que o eu lírico faz ao hábito das famílias das cidades grandes de postarem tudo nas redes sociais. Fale um pouco sobre isso:

---



---



---

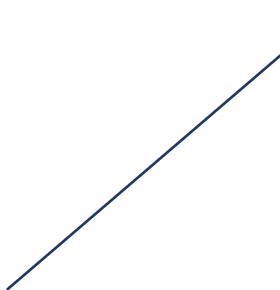
a) Explique a diferença de sentido da palavra rede destacada nos versos acima:

---



---

#### **Etapa 4: Trabalhando a oralidade!**



**Professor, aqui faz-se necessário sistematizar o que são variedades linguísticas diatópicas, também conhecidas como variações regionais, denominados dialetos. São as variações referentes a diferentes regiões geográficas, de acordo com a cultura local. Aqui você pode relembrar os exemplos citados no início desta atividade, na parte da motivação.**

Com a análise do poema “Prefiro a Simplicidade”, do Bráulio Bessa, pudemos perceber o quanto os costumes, o modo de vida, a culinária e o modo de dizer as coisas variam de acordo com cada região brasileira. Ou seja, refletimos no quanto a língua pode revelar sobre nós, sobre a nossa maneira de pensar e de encaminhar o nosso dia a dia. Pensemos nisto: Se há tanta diferença entre se viver no campo e na cidade, como poderia a língua usada nesses espaços tão distintos ser idêntica a ponto de não sofrer nenhuma variação? Vamos fazer a correção oral dessa atividade!

**Sugiro a disposição da turma em círculo.**

**Atividade 03: *O preconceito é mais sobre o sujeito que fala diferente do que pelo falar diferenciado.***

**Objetivo principal:**

Debater com os estudantes o fato de que o sujeito reconhece o peso de se falar diferente, uma vez que preconceito recai sobre o sujeito e não sobre a forma linguística em si. Sendo assim, algumas pessoas manipulam os seus estilos de fala, adequando-as ao contexto a



fim de não ser vítima de mais um preconceito, visto que o preconceito linguístico dificilmente vem desacompanhado de outro(s) preconceito(s).

***Etapa 1: motivação:***

Professor, sugiro escrever no quadro a seguinte reflexão para debate inicial e motivação à leitura da canção do Emicida:

“o cara nem sabe falar”- Quem nunca ouviu essa frase na vida? tenha sido em filmes, séries ou novelas. A questão é que desqualificar certas variantes linguísticas publicamente ainda é permitido, e o pior, ainda é capaz de colocar o agressor em posição favorável. Digo que o preconceito pela fala de um sujeito representa o desprezo por toda a história, identidade de todo o grupo que o mesmo representa. Ou seja é desvalidar a origem desse sujeito.

Sugiro que faça um breve comentário sobre o Emicida usar a música como resistência e valorização de suas origens.

***1-Leitura individual silenciosa***

***1.1- Leitura oral coletiva***



***1.2- Discussão sobre o tema da canção***

***Sobre o autor: Leandro Roque de Oliveira (São Paulo SP 1985). Cantor, compositor, produtor musical e desenhista. Nascido e criado no Jardim Fontális, na zona norte de São Paulo, em 1991, Leandro forma-se em desenho pela Escola Arte São Paulo. Em paralelo, escreve poesias e letras de rap e começa a frequentar batalhas de freestyle (improvisação), como a da Santa Cruz. Em 2005, ganha o apelido de Emicida, fusão das palavras MC e homicida, pois os colegas consideram que Leandro “assassina” seus concorrentes. O apelido se transforma em nome artístico que também funciona como sigla: E.M.I.C.I.D.A (Enquanto Minha Imaginação Compor Insanidades Domino a Arte). (adaptado da ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras)***

Leiam a seguir a letra da canção “Principia”, composta pelo Emicida em parceria com Vinicius Leonard Moreira, cujos versos trazem um discurso forte e crítico que prega a união

dos negros contra o preconceito a tudo o que diz respeito à cultura de origem negro-africana.  
Boa leitura e boa reflexão!

Texto 1:

Principia

(Emicida)

Lá-ia, lá-ia, lá-ia

Lá-ia, lá-ia, lá-ia

Lá-ia, lá-ia, lá-ia

Lá-ia, lá-ia, lá-ia

Com o cheiro doce da arruda

Penso em Buda calmo

Tenso eu busco uma ajuda às vezes me vem o Salmo

Tira a visão que iluda, é tipo um oftalmo

E eu, que vejo além de um palmo

Por mim, 'to Ubuntu, ó, uau

Se for pra crer num terreno

Só no que nós 'tá vendo memo

Resumo do plano é baixo, pequeno e mundano

Sujo, inferno e veneno

Frio, inverno e sereno

Repressão e regressão

Angústia é eu ter calma e a vida escada

tento ler almas pra além da pressão

As voz em declive na mão desse Barrabás

Onde o milagre jaz

Só prova a urgência de livros perante o estrago que um sábio faz

O mestre em dívidas avidas

Sem noção do que são dádivas

No tempo onde a única que ainda corre livre aqui são as suas lágrimas

E eu voltei pra acabar tipo infarto

Depois fazer renascer, estilo parto

Eu me refaço, fato, descarto

De pé no chão, homem comum

Se a benção vem a mim, reparto

Invado cela, sala, quarto

Rodeio o globo, hoje 'to certo

De que todo mundo é um

E tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é

Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é

Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é

Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é

Cale o cansaço, refaça o laço  
 Ofereça um abraço quente  
 A música é só uma semente  
 Um sorriso ainda é a única língua que todos entende  
 Cale o cansaço, refaça o laço  
 Ofereça um abraço quente  
 A música é só uma semente  
 Um sorriso ainda é a única língua que todos entende (tio o jeito é ser gentil)  
 Tipo um girassol, meu olho busca o sol  
 Mano, crer que o ódio é solução  
 É ser sommelier de anzol  
 Barco a deriva sem farol  
 Nem sinal de aurora boreal  
 Minha voz corta a noite igual um rouxinol  
 Tudo que bate é tambor  
 Todo tambor vem de lá  
 Se o coração é o senhor, tudo é África  
 Pois em prática, essa tática, matemática falou  
 Enquanto a terra não for livre, eu também não sou  
 Enquanto essa história de quem tá por vir, eu vou  
 Jantar com as menina enquanto germina o amor  
 É empírico, e onírico, meio pírico, meu espírito  
 Quer que eu tire de tua dor  
 Quer mil volta descarga de tanta luta  
 Adaga que rasga com força bruta  
 Deus, por que a vida é tão amarga?  
 Na terra que é casa da cana-de-açúcar  
 E essa sobrecarga fruto gueto  
 Embarga e assusta seu suspeito  
 Recarga que é igual a Jesus  
 No caminho da luz, todo mundo é preto  
 'Simbora que o tempo é rei  
 Vive agora não há depois  
 Ser tempo da paz como um cais que vigora nos maus lençóis  
 É um dois um dois conjunto playboy como monge sois  
 Fonte como sóis, num front sem bois, forte como nós  
 Lembra a rua é nós  
 Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós  
 Tudo, tudo, absolutamente tudo que nós tem é  
 Tudo que nós tem é isso, uns ao outro  
 Tudo o que nós tem é uns ao outro, tudo  
 Vejo a vida passar num instante  
 Será tempo o bastante que tenho pra viver?  
 Não sei, não posso saber  
 Quem segura o dia de amanhã na mão?  
 Não há quem possa acrescentar um milímetro a cada estação  
 Então, será tudo em vão? Banal? Sem razão?  
 Seria, sim seria, se não fosse o amor  
 O amor cuida com carinho  
 Respira o outro, cria o elo

O vínculo de todas as cores  
Dizem que o amor é amarelo[...]

Fonte: [LyricFind](#)

**Compositores: Leandro Roque De Oliveira / Vinicius Leonard Moreira.**

### **Glossário:**

Ubuntu:

*palavra de origem africana derivada do idioma quimbundo*

1. Significa acolhimento, solidariedade, cooperação, respeito, generosidade. Representa sentimentos e atitudes que proporcionam o bem coletivo e individual.
2. filosofia que sinaliza a interconexão entre as existências humanas. Prega que a condição para a existência humana é, necessariamente, uma experiência coletiva.

### **Etapa 3: Análise textual**

Questões:

1. Observe os versos a seguir e marque a opção que melhor explica, na sua opinião, o sentido deles:

“Com o cheiro doce da arruda/Penso em Buda calmo/Tenso eu busco uma ajuda às vezes/me vem o Salmo/Tira a visão que iluda, é tipo um oftalmo/E eu, que vejo além de um palmo”

( ) Os versos demonstram o sincretismo religioso ao se referir a elementos de variadas religiões, tais como, arruda, Buda, Salmo. E além disso, o eu lírico se mostra como alguém com a cabeça aberta, uma vez que enxerga e valoriza todas as religiões como manifestação de fé.

( ) Os versos revelam que o eu-lírico, na hora das dificuldades, recorre à ajuda tomando como crença tudo o que vem a sua mente.

-Explique a sua escolha:

---



---

2. Com base no significado da palavra Ubuntu, o que o eu lírico afirma sobre si mesmo em “E eu, que vejo além de um palmo Por mim, 'to Ubuntu, ó, uau?”

3. Ao longo dos versos. O eu lírico vai em tom de conversa dando dicas de como vivermos a filosofia do Ubuntu. O conjunto de versos que ilustra a oralidade influenciando a escrita é:

( ) “ Angústia é eu ter calma e a vida escada/tento ler almas pra além da pressão...”

( ) “Se for pra crer num terreno/Só no que nós 'tá vendo memo”...

Justifique a sua resposta transcrevendo as palavras que estão escritas exatamente como são pronunciadas:

---



---

4. “E tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é

Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é”

O refrão da canção transcrito acima é carregada pela ideia de união, de cumplicidade, circularidade e resistência. Para dar ênfase à ideia de valorização das próprias origens, o rapper recorreu a particularidades da fala que são características de algumas regiões brasileiras, e, ainda, de alguns linguajares próprios de certos grupos que ao fazerem uso de sua maneira de falar são estigmatizados. Transcreva abaixo os versos que contém essa particularidade e procure na letra da canção outro exemplo semelhante:

---



---



---



---

#### **Etapa 4: Trabalhando a oralidade!**

.Caro colega, aqui podemos falar sobre a questão de a concordância verbal constituir no português do Brasil, uma variável linguística, visto que percebemos recorrentemente a presença e a falta dessas duas variantes na fala dos brasileiros.

.Também pode ser interessante conversar sobre os estigmas que o uso não padrão da concordância verbal acarreta ao falante.

Com a análise da letra dessa canção do Emicida, tivemos contato com parte do álbum “*AmarElo-É tudo para ontem*”. Esse trabalho mais recente do rapper foi transformado em um documentário, produzido com o objetivo de resgatar a história da cultura e dos movimentos negros no Brasil nos últimos cem anos.

Pudemos ainda perceber o quanto a variação da língua pode ser usada como recurso enfático para valorizar e resistir quando o assunto é falar do que une determinado grupo.

**Sugiro debate  
em círculo**

Vamos fazer a correção oral dessa atividade!

#### Atividade 04: “Desvendando os preconceitos e desconstruindo estereótipos”

*Objetivos principais:*

1. *Discutir com os estudantes sobre como o humor presente em certos gêneros textuais são reveladores de preconceitos que reduzem a história, a cultura de um povo à ridicularização.*

2. *Tornar aparente o preconceito contra o nordestino a fim de atenuar essa violência tão presente na sociedade brasileira.*

#### Etapa 1: motivação:

Caro colega, aqui fica aberto para conversarmos com os nossos estudantes sobre a forte presença dos estereótipos que a nossa sociedade insiste em manter. Agora é um momento bom para direcionar a conversa com a sua turma com base na sua realidade.

Aqui, escolhemos o preconceito contra o nordestino, porque foi o fator que inspirou a pesquisa da qual este caderno é parte. Bom trabalho!

Ao falar em Nordeste, do que você lembra? E do povo nordestino? Professor, que tal montar uma nuvem de palavras no quadro?!

#### Etapa 2 : leitura e debate dos textos:

*1-Leitura individual silenciosa*

1.1- Leitura oral coletiva



1.2- Discussão sobre o tema da canção

Texto1:



### Etapa 3: Análise textual

Questões:

Professor, sugiro que essas questões sejam realizadas coletiva e oralmente, a fim de ser mais dinâmico

1. Observe a linguagem não verbal e descreva a imagem dos interlocutores?

---

2. Ao ser solicitado para localizar os personagens do cartum acima em duas regiões brasileiras, você os colocaria em quais regiões? Justifique a sua resposta.

---

3. Estereotipar torna-se algo social quando nos referimos a pessoas ou grupos apenas por traços genéricos e na maioria das vezes isso ocorre de forma preconceituosa, tais como se faz com os índios, os moradores de espaços populares, os negros, os nordestinos etc.No texto acima há dois estereótipos: um positivo e outro negativo. Explique-os:

---

4. Quando o paulistano pergunta se aquela estrada vai para São Paulo e o interiorano responde que 'não sabe e que se ela for, fará muita falta',o que está escondido nessa resposta é o estereótipo de que todo nordestino é analfabeto, logo não foi capaz de identificar o sentido do verbo "ir" neste contexto

Expresse com as suas palavras a sua opinião sobre essa atitude preconceituosa e, se possível cite como exemplo situações que já tenha presenciado no dia a dia.

---

---

---

---

---

#### **Etapa 4: *Trabalhando a oralidade!***

Hora de debater nossas realidades. Seguem abaixo dois relatos pessoais da Juliette Freire, campeã da edição do BBB21 que acabou no dia 04/ 05/2021:Os dois relatos datam de períodos diferentes do Reality Show, porém o tema é o mesmo: o preconceito linguístico, o social e a estigmatização da participante nordestina.

Textos para leitura e debate:

Texto 2:

Na última terça-feira (2/02/21), a paraibana chamou seus colegas de confinamento para uma conversa séria. "Na verdade, ninguém quer me escutar. A pessoa está com medo porque eu sou diferente. Eu moro no Nordeste", expressou Juliette na ocasião. Ela tentava dizer que se sentia excluída na casa e que percebia alguns colegas imitando e ridicularizando seu sotaque. Para a internet, o que Juliette queria dizer é que estava sofrendo xenofobia.

Fonte: [juliette-esta-sendo-alvo-de-xenofobia-no-bbb-especialistas-explicam.htm](http://juliette-esta-sendo-alvo-de-xenofobia-no-bbb-especialistas-explicam.htm)

Texto 3:

([01:27, 23/05/2021] na madrugada do domingo, 25/04, Juliette, de 31 anos, contou que tem a capacidade intelectual questionada simplesmente por ser nordestina. A conversa aconteceu durante a última festa no BBB 21.)

“Eu sou uma pessoa estudada, mas, aonde eu chego, as pessoas me tratam como analfabeta. Me

tratam como matuta, como burra” - desabafou a advogada.

Juliette disse que sente o preconceito quando frequenta lugares da alta sociedade no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Brasília (Crédito: Reprodução/InstagramJuliette contou que tem a capacidade intelectual questionada simplesmente por ser nordestina)



Sugestão de pergunta- problema para debate:



Quem aqui já se sentiu excluído por ser diferente ?Fale !

**APÊNDICE B** – Não se avexe não, fale! Uma proposta de atividades sobre a diversidade linguística no espaço escolar:

### **CADERNO DO ESTUDANTE**

Variar é sinônimo de se diferenciar e é preciso assumir que ser igual é muito difícil, visto que os seres sejam individuais em relação às suas realidades sociais, históricas, culturais entre outras. Portanto, é nos espaços públicos que os diferentes se encontram e precisam, assim, coexistirem, logo, essa coexistência não deve ser de confronto negativo, mas sim de respeito às diferenças para que se chegue a um ponto em comum: a interação, o respeito e o amadurecimento intelectual e pessoal.

Nesse sentido, a escola, espaço público representado pelo professor, não deve estigmatizar variantes linguísticas presentes em seu espaço, visto que tal prática gere dificuldades de aprendizado, além de contribuir para a perda de autoestima e, leve, assim, o aluno a usar a língua de maneira insegura, gerando, muitas vezes, o silenciamento desses estudantes.

Essa realidade é de grande valia quando se percebe que ao invés de ter uma atitude repressora com relação aos diversos falares presentes no âmbito escolar, o corpo docente aceita a bagagem linguística dos seus alunos e a utiliza como ponte a torná-los “políglotas” da própria língua e, acima de tudo, sujeitos críticos linguisticamente, de modo que sejam capacitados a adequarem os próprios falares aos diversos contextos a que vierem a ser submetidos ao longo de suas vidas e se assim desejarem.

Sendo assim, o que aqui se pretende não é a banalização das normas linguísticas, não queremos banir o ensino gramatical nas escolas, mas sim, acima de tudo, possibilitar o acesso igual a todo o corpo discente aos conteúdos que lhes forem apresentados em sala de aula, sem que esses alunos sejam excluídos do processo de ensino–aprendizagem por serem “portadores de variantes linguísticas diferentes”.

Para tanto, o principal objetivo deste caderno de atividades é levar os alunos a reconhecerem e a valorizarem a diversidade linguística no espaço escolar. Para que dessa forma o respeito pela diferença seja realidade em contextos que até então eram hóspedes. Pretendemos desenvolver esse processo, levando esses educandos à observação e entendimento reflexivo sobre os diversos falares coexistentes no dia a dia de todo espaço escolar.

Tomamos como base o postulado pela sociolinguística cuja principal defesa é a de que a variação é uma característica inerente à língua, e tão logo todas as formas de uso da língua devem ser reconhecidas e respeitadas de forma tão espontânea quanto de fato o são.

Portanto, sugerimos que os textos selecionados para este caderno sejam trabalhados em sala de aula seguindo as seguintes etapas:

### **ATIVIDADE 01- “As barreiras linguísticas do dia a dia”**

#### **Objetivo principal:**

Debater com os estudantes sobre os seguintes pontos:

- c) A linguagem ainda que tenha a função principal de estabelecer comunicação entre os sujeitos, depende de diversos fatores extralinguísticos determinantes para que essa comunicação ocorra efetivamente ou não;
- d) A língua varia de acordo com os sujeitos que a usam no dia a dia e é ela, a língua, capaz de nos informar particularidades de cada sujeito falante. A língua varia de acordo com a região onde o falante vive, o grupo social ao qual pertence e à situação em que se encontra, que faz com que ele esteja monitorando mais ou menos seu falar.

*Contudo, há de se destacar que algumas relações comunicativas podem ser equivocadas quando dois ou mais falantes de variantes distintas tentam se comunicar. Na atividade de hoje, veremos dois exemplos nos quais a comunicação não se efetiva perfeitamente por conta desses usos muito divergentes.*

#### **Etapa 1: motivação:**

**Observe o texto e responda: quais elementos verbais e não verbais da charge 1 causam estranhamento em função do local no qual ocorre o diálogo entre os personagens.**

**“Etapa a ser feita coletivamente por toda a turma.”**

#### **Etapa 2: leitura e debate dos textos:**

*1-Leitura individual silenciosa*

1.1- Leitura oral coletiva



1.2- Discussão sobre o tema dos textos

Texto 1:



Disponível em: <https://images.app.goo.gl/CQMua1Lv5WHUmqFW6>

Texto 2:



### Glossário:

*Ainda*

Gíria carioca usada principalmente por jovens moradores de espaços populares.

1. Claro, com certeza.

### Etapa 3: Análise textual:

*Interpretação* – Responda:

- 1) Qual personagem do texto 1 está aparentemente de acordo com o espaço em que estão: o homem vestido com terno e gravata ou o surfista? Justifique a sua resposta.

---



---

2) Observe as linguagens verbal e não verbal do texto 1 e opine sobre o motivo que, provavelmente, justifique a cara de estranhamento que surfistafaz.

---

---

3) Você costuma ouvir ou usar as palavras “elípticos” e “pega-las-emos”? Conhece o significado delas?

---

---

4) Como texto 2, temos um cartum que reflete um conflito .Que conflito é esse?

---

---

5) Na sua opinião, no 2º texto, o que atrapalhou a comunicação entre os interlocutores? Justifique a sua resposta.

---

---

6) Você já passou por alguma situação semelhante ao que ocorre com o estudante representado no texto 2 ? Em caso positivo, conte como foi?

---

---

7) Comparando os dois textos acima, o que há em comum entre eles? Explique e debata, posteriormente, com a sua turma.

---

---

#### **Etapa 4: *Trabalhando a oralidade!***

##### **Vamos entender o que são variedades linguísticas?**

**Nos termos de Bagno, 2013, quando falamos em língua portuguesa, usamos um rótulo único para designar múltiplos modos de dizer que são consequência das diversas sociedades e culturas em que as línguas são usadas. Logo, cada um desses modos de dizer será nomeado por variedade linguística.**

Após esse primeiro conjunto de atividades, ficou claro que podem ocorrer conflitos na interação entre sujeitos que usem variedades linguísticas de uma mesma língua. No nosso caso, usamos a língua portuguesa e ela se modifica por diversos motivos e de diversas maneiras. Durante as atividades anteriores, pudemos refletir um pouco sobre o tema. Agora, vamos fazer a correção oral dessa atividade.

### **Desafio!**

#### Atividade de pesquisa!

Vamos montar um vocabulário de gírias e expressões usadas pelos estudantes da nossa comunidade escolar?!

1º - Faça o levantamento de gírias e expressões que sejam faladas no dia a dia da escola de vocês e /ou pelos seus colegas. Para isso, farão um trabalho quase de espíões, pois observarão conversas informais que ocorram entre os estudantes nos momentos diversificados tais como: a) durante a entrada na escola; b) em sala de aula nos intervalos recorrentes entre as trocas de professores; na hora do recreio e/ ou do almoço; d) na hora da saída.

Dica: Importante é fazer esta observação de forma discreta, ou seja, sem que os outros estudantes percebam que estão sendo observados na fala por vocês.

2º - Agora, em sala de aula, você e seus outros colegas detetives, tentarão se lembrar do maior número de palavras que tenham observado na etapa anterior.

Dica: Anote-as num caderno ou num bloco de anotações coletivos que ficará sob a responsabilidade de algum representante escolhido pela turma.

3º - Anotesm os significados de cada uma dessas palavras e expressões apreendidas ao longo das etapas anteriores.

Dica: as três etapas anteriores devem ser realizadas ao longo de duas semanas, a fim de que consigam um número significativo de novas palavras usadas pela comunidade escolar.

4º - Façam, então “mesas-redondas” a fim de discutirem em sala o significado dessas palavras, empregando-as oralmente em frases que as contextualizem.

5º - Por fim, compilem as palavras junto aos seus respectivos significados e formem finalmente o ‘vocabulário sociolinguístico’ que será uma produção coletiva capaz de contar um pouco sobre as variantes linguísticas a nível de uso palavras da geração de vocês na escola onde atuam.

\*\*Elaborem uma capa bem criativa para o vocabulário de vocês, assim como escolham um nome bem significativo e atraente.

## Atividade 02: “O falar revela nossas origens”

### Objetivo principal:

Perceber que apesar de a língua portuguesa ser a língua oficial do Brasil e também a língua nacional, esta língua é heterogênea por vários motivos e um desses motivos está relacionado ao fato de cada região brasileira trazer como costume uma maneira particular de falar. Aqui é importante ressaltar que tal particularidade vem muitas das vezes representada pela escolha/variação lexical. Ou seja, alguns elementos são nomeados de maneiras diferentes de acordo com o lugar/ a região do falante.

### Etapa 1: Motivação

Você já percebeu o fato de que as regiões e, também, estados do Brasil usam nomes diferentes para designarem os mesmos objetos.

Se desejar, liste em seu caderno alguns exemplos dessas palavras! Sugestões de palavras:



1. **Semáforo** vira **Farol** (em São Paulo) ou **sinaleira** (nos estados da região Sul);
2. **Biscoito** no Rio de Janeiro, na Bahia e em outros estados nordestinos vira **bolacha** em São Paulo e em cidades do Sul e do Centro-Oeste;
3. **Pipa e papagaio** no Rio de Janeiro e em São Paulo vira **arraia** na Bahia, **pandorga** no Paraná, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina e balde no Maranhão;
4. **Abóbora** no Sul, no Sudeste e no Centro-Oeste é **jerimum** na região Norte;
5. **Tangerina** no Sudeste é **bergamota** no Sul e **mimosa ou laranja-cravo** no Nordeste. Essa fruta ainda é nomeada por **mexerica**, **mandarina**, **luxiqueira**, **manjerica** e **poncan**.

1.1- Leitura oral coletiva  
poema



1.2- Discussão sobre o tema do

**Falando sobre o autor:**

**Bráulio Bessa nasceu no Sertão do Ceará, no ano de 1986. Com 14 anos, entrou em contato com a poesia de Patativa do Assaré(1909-2002) e se tornou um “fazedor de poesias”, como ele mesmo se define. Ao ingressar na faculdade, no curso de Análise de Sistemas, criou um movimento na internet para divulgar e defender o povo e a cultura nordestina, do preconceito que aflora no resto do país. Com o sucesso conquistado passou a ocupar semanalmente um quadro intitulado “Poesia com Rapadura”, no programa Encontro. da Fátima Bernardes na Rede Globo.**

Texto:

*Prefiro a simplicidade*

Carne-seca e macaxeira  
um cozido de capote  
água fria lá no pote  
melhor que da geladeira.

No terreiro a poeira  
se espalha na imensidão  
de paz e de comunhão  
que não se vê na cidade.

Prefiro a simplicidade  
das coisas lá do Sertão.

Bodegas pra se comprar  
é o nosso supermercado  
que ainda vende fiado  
pois dá pra se confiar.

Um caderno pra anotar  
não carece de cartão  
pois às vezes falta pão  
mas não falta honestidade.

Prefiro a simplicidade  
das coisas lá do Sertão.

Tem cuscuz na cuscuzeira,  
tapioca e mucunzá  
um bolinho de fubá  
e tripa na frigideira.

Milho assado na fogueira  
que aquece o coração  
além de ser tradição  
é comida de verdade.



Prefiro a simplicidade  
das coisas lá do Sertão.  
A família retratada  
pendurada na parede  
não tem curtidas na rede  
mas tem rede bem armada.  
A vida não é postada  
nem passa em televisão,  
o HD do coração  
é quem salva de verdade.  
Prefiro a simplicidade  
das coisas lá do Sertão.  
A criançada brincando  
de ser livre, de ser vivo  
sem ter um aplicativo,  
sem ter download baixando.  
Vejo um menino pintando  
um desenho feito à mão  
sem nenhuma intervenção  
lhe roubando a ingenuidade.  
Prefiro a simplicidade  
das coisas lá do Sertão.  
Tem o som da natureza  
melhor que MP3  
eu garanto a vocês  
nem se compara a beleza.  
Existe tanta riqueza  
espalhada nesse chão  
como disse Gonzagão  
e ecoa na eternidade.  
Prefiro a simplicidade  
das coisas lá do Sertão.  
Tem a seca, essa bandida  
que é cinza feito o asfalto,  
porém não temos assalto  
tampouco bala perdida.  
Não é fácil nossa vida,  
mas transbordo a gratidão  
de viver nesse torrão  
mesmo com dificuldade.  
Prefiro a simplicidade  
das coisas lá do Sertão.  
Ninguém venha me tachar  
de matuto, ultrapassado,  
tampouco desinformado,  
é fácil de se explicar.  
Se um dia o homem usar  
toda e qualquer invenção  
pensando em evolução  
e no bem da humanidade,

a tal da modernidade  
é bem-vinda no Sertão.

(Bráulio Bessa)

Glossário:

*Bodega*- (s. f.): 1. casa de pasto ordinária. 2. pequena venda de secos e molhados; boliche.

*Macaxeira*- (s. f.): 1. MANDIOCA. 2. AIPIM ('raiz').

*Matuto*- (adjetivo /s. m.) 1. diz-se de ou indivíduo que vive no campo e cuja personalidade revela rusticidade de espírito, falta de traquejo social; caipira, roceiro, jeca. 2. Aquele que demonstra timidez, retraimento, desconfiança.

*Torrão* – (s.m.) 1. Peçaço de terra aglomerada formando um volume. 2. Solo, terreno.

### Etapa 3: Análise textual

1. Sobre tudo o que é retratado no poema, o que chama mais a sua atenção? Justifique a sua resposta com base na sua experiência de vida.

---



---



---

2. “Macaxeira, mandioca ou aipim”, qual dessas variantes você e seus familiares usam no dia a dia para nomear o referido alimento que apresenta um desses três nomes de acordo com a região brasileira? Justifique dizendo em qual estado você mora?

---



---

3. Observe os versos seguintes e responda: “Bodegas pra se comprar/é o nosso supermercado/que ainda vende fiado/pois dá pra se confiar. /Um caderno pra anotar/não carece de cartão/pois às vezes falta pão/mas não falta honestidade”.

a) Além da honestidade mencionada nos versos acima para se vender fiado, o que mais é necessário para que esse tipo de venda ocorra?

---



---

b) Na sua opinião, por que essa prática não é constante nas cidades grandes?

---



---

4. “A família retratada/pendurada na parede/não tem curtidas na rede/mas tem rede bem armada. /A vida não é postada/nem passa em televisão, /o HD do coração/é quem salva de verdade. /Prefiro a simplicidade/das coisas lá do Sertão.”

Nos versos acima percebemos a crítica que o eu lírico faz ao hábito das famílias das cidades grandes de postarem tudo nas redes sociais. Fale um pouco sobre isso:

---



---



---

a) Explique a diferença de sentido da palavra rede destacada nos versos acima:

---



---

#### **Etapa 4: Trabalhando a oralidade!**

**Você já ouviu falar em variedades linguísticas diatópicas que também são conhecidas como variações regionais?**

**São as variações referentes a diferentes regiões geográficas, de acordo com a cultura local. São denominados dialetos.**

Com a análise do poema “Prefiro a Simplicidade”, do Bráulio Bessa, pudemos perceber o quanto os costumes, o modo de vida, a culinária e o modo de dizer as coisas variam de acordo com cada região brasileira. Ou seja, refletimos no quanto a língua pode revelar sobre nós, sobre a nossa maneira de pensar e de encaminhar o nosso dia a dia. Pensemos nisto: Se há tanta diferença entre se viver no campo e na cidade, como poderia a língua usada nesses espaços tão distintos ser idêntica a ponto de não sofrer nenhuma variação? Vamos fazer a correção oral dessa atividade!

**Sugiro a disposição da turma em círculo.**

**Atividade 03: *O preconceito é mais sobre o sujeito que fala diferente do que pelo falar diferenciado.***

*Objetivo principal:*

Discutir sobre o fato de o sujeito reconhecer o peso de se falar diferente, uma vez que preconceito recai sobre o sujeito e não sobre a forma linguística em si. Sendo assim, algumas pessoas manipulam os seus estilos de fala, adequando-as ao contexto a fim de não ser vítima de mais um preconceito, visto que o preconceito linguístico dificilmente vem desacompanhado de outro(s) preconceito(s).

**Etapa 1: motivação:**

**Leia e reflita:**

“o cara nem sabe falar”- Quem nunca ouviu essa frase na vida? tenha sido em filmes, séries ou novelas. A questão é que desqualificar certas variantes linguísticas publicamente ainda é permitido, e o pior, ainda é capaz de colocar o agressor em posição favorável. Digo que o preconceito pela fala de um sujeito representa o desprezo por toda a história, identidade de todo o grupo que o mesmo representa. Ou seja é desvalidar a origem desse sujeito.

*1-Leitura individual silenciosa*

1.1- Leitura oral coletiva



1.2- Discussão sobre o tema da canção

*Sobre o autor: Leandro Roque de Oliveira (São Paulo SP 1985). Cantor, compositor, produtor musical e desenhista. Nascido e criado no Jardim Fontális, na zona norte de São Paulo, em 1991, Leandro forma-se em desenho pela Escola Arte São Paulo. Em paralelo, escreve poesias e letras de rap e começa a frequentar batalhas de freestyle (improvisação), como a da Santa Cruz. Em 2005, ganha o apelido de Emicida, fusão das palavras MC e homicida, pois os colegas consideram que Leandro “assassina” seus concorrentes. O apelido se transforma em nome artístico que também funciona como sigla: E.M.I.C.I.D.A (Enquanto Minha Imaginação Compor Insanidades Domino a Arte). (adaptado da ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura*

Leiam a seguir a letra da canção “Principia”, composta pelo Emicida em parceria com Vinicius Leonard Moreira, cujos versos trazem um discurso forte e crítico que prega a união dos negros contra o preconceito a tudo o que diz respeito à cultura de origem negro-africana. Boa leitura e boa reflexão!

Texto 1:

Principia

(Emicida)

Lá-ia, lá-ia, lá-ia

Lá-ia, lá-ia, lá-ia

Lá-ia, lá-ia, lá-ia

Lá-ia, lá-ia, lá-ia

Com o cheiro doce da arruda

Penso em Buda calmo

Tenso eu busco uma ajuda às vezes me vem o Salmo

Tira a visão que iluda, é tipo um oftalmo

E eu, que vejo além de um palmo

Por mim, 'to Ubuntu, ó, uau

Se for pra crer num terreno

Só no que nós 'tá vendo memo

Resumo do plano é baixo, pequeno e mundano

Sujo, inferno e veneno

Frio, inverno e sereno

Repressão e regressão

Angústia é eu ter calma e a vida escada

tento ler almas pra além da pressão

As voz em declive na mão desse Barrabás

Onde o milagre jaz

Só prova a urgência de livros perante o estrago que um sábio faz

O mestre em dívidas avidas

Sem noção do que são dádivas

No tempo onde a única que ainda corre livre aqui são as suas lágrimas

E eu voltei pra acabar tipo infarto

Depois fazer renascer, estilo parto

Eu me refaço, fato, descarto

De pé no chão, homem comum

Se a benção vem a mim, reparto

Invado cela, sala, quarto

Rodeio o globo, hoje 'to certo

De que todo mundo é um

E tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é

Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é

Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é

Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é

Cale o cansaço, refaça o laço

Ofereça um abraço quente

A música é só uma semente

Um sorriso ainda é a única língua que todos entende

Cale o cansaço, refaça o laço  
 Ofereça um abraço quente  
 A música é só uma semente  
 Um sorriso ainda é a única língua que todos entende (tio o jeito é ser gentil)  
 Tipo um girassol, meu olho busca o sol,  
 Mano, crer que o ódio é solução  
 É ser sommelier de anzol  
 Barco a deriva sem farol  
 Nem sinal de aurora boreal  
 Minha voz corta a noite igual um rouxinol  
 Tudo que bate é tambor  
 Todo tambor vem de lá  
 Se o coração é o senhor, tudo é África  
 Pois em prática, essa tática, matemática falou  
 Enquanto a terra não for livre, eu também não sou  
 Enquanto essa história de quem tá por vir, eu vou  
 Jantar com as menina enquanto germina o amor  
 É empírico, e onírico, meio pírico, meu espírito  
 Quer que eu tire de tua dor  
 Quer mil volta descarga de tanta luta  
 Adaga que rasga com força bruta  
 Deus, por que a vida é tão amarga?  
 Na terra que é casa da cana-de-açúcar  
 E essa sobrecarga fruto gueto  
 Embarga e assusta seu suspeito  
 Recarga que é igual a Jesus  
 No caminho da luz, todo mundo é preto.  
 'Simbora que o tempo é rei  
 Vive agora não há depois  
 Ser tempo da paz como um cais que vigora nos maus lençóis  
 É um dois um dois conjunto playboy como monge sois  
 Fonte como sóis, num front sem bois, forte como nós  
 Lembra a rua é nós  
 Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós  
 Tudo, tudo, absolutamente tudo que nós tem é  
 Tudo que nós tem é isso, uns ao outro  
 Tudo o que nós tem é uns ao outro, tudo  
 Vejo a vida passar num instante  
 Será tempo o bastante que tenho pra viver?  
 Não sei, não posso saber  
 Quem segura o dia de amanhã na mão?  
 Não há quem possa acrescentar um milímetro a cada estação  
 Então, será tudo em vão? Banal? Sem razão?  
 Seria, sim seria, se não fosse o amor  
 O amor cuida com carinho  
 Respira o outro, cria o elo  
 O vínculo de todas as cores  
 Dizem que o amor é amarelo[...]

Fonte: [LyricFind](#)

Compositores: Leandro Roque De Oliveira / Vinicius Leonard Moreira

Glossário:

Ubuntu: *palavra de origem africana derivada do idioma quimbundo*

3. Significa acolhimento, solidariedade, cooperação, respeito, generosidade. Representa sentimentos e atitudes que proporcionam o bem coletivo e individual.
4. filosofia que sinaliza a interconexão entre as existências humanas. Prega que a condição para a existência humana é, necessariamente, uma experiência coletiva.

### Etapa 3: Análise textual

Questões:

1. Observe os versos a seguir e marque a opção que melhor explica, na sua opinião, o sentido deles:

“Com o cheiro doce da arruda/Penso em Buda calmo/Tenso eu busco uma ajuda às vezes/me vem o Salmo/Tira a visão que iluda, é tipo um oftalmo/E eu, que vejo além de um palmo”

( ) Os versos demonstram o sincretismo religioso ao se referir a elementos de variadas religiões, tais como, arruda, Buda, Salmo. E além disso, o eu lírico se mostra como alguém com a cabeça aberta, uma vez que enxerga e valoriza todas as religiões como manifestação de fé.

( ) Os versos revelam que o eu-lírico, na hora das dificuldades, recorre à ajuda tomando como crença tudo o que vem a sua mente.

-Explique a sua escolha:

---



---

2. Com base no significado da palavra Ubuntu, o que o eu lírico afirma sobre si mesmo em “E eu, que vejo além de um palmo

Por mim, 'to Ubuntu, ó, uau?”

3. Ao longo dos versos. O eu lírico vai em tom de conversa dando dicas de como vivermos a filosofia do Ubuntu. O conjunto de versos que ilustra a oralidade influenciando a escrita é:

( ) “ Angústia é eu ter calma e a vida escada/tento ler almas pra além da pressão...”

( ) “Se for pra crer num terreno/Só no que nós 'tá vendo memo”...

Justifique a sua resposta transcrevendo as palavras que estão escritas exatamente como são pronunciadas:

---

4. “E tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é

Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós

Tudo, tudo, tudo que nós tem é”

O refrão da canção transcrito acima é carregado pela ideia de união, de cumplicidade, circularidade e resistência. Para dar ênfase à ideia de valorização das próprias origens, o

rapper recorreu a particularidades da fala que são características de algumas regiões brasileiras, e, ainda, de alguns linguajares próprios de certos grupos que ao fazerem uso de sua maneira de falar são estigmatizados. Transcreva abaixo os versos que contém essa particularidade e procure na letra da canção outro exemplo semelhante:

---



---



---

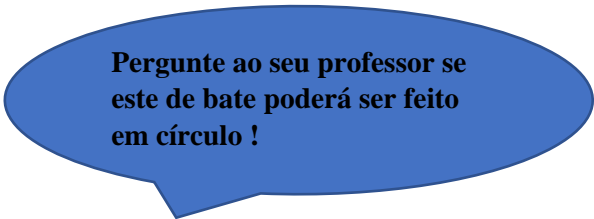


---

#### **Etapa 4: *Trabalhando a oralidade!***

Com a análise da letra dessa canção do Emicida, tivemos contato com parte do álbum “*AmarElo-É tudo para ontem*”. Esse trabalho mais recente do rapper foi transformado em um documentário, produzido com o objetivo de resgatar a história da cultura e dos movimentos negros no Brasil nos últimos cem anos.

Pudemos ainda perceber o quanto a variação da língua pode ser usada como recurso enfático para valorizar e resistir quando o assunto é falar do que um determinado grupo.



**Pergunte ao seu professor se este de bate poderá ser feito em círculo !**

Vamos fazer a correção oral dessa atividade!

#### **Atividade 04: “Desvendando os preconceitos e desconstruindo estereótipos”**

##### ***Objetivos principais:***

1. Discutir sobre como o humor presente em certos gêneros textuais são reveladores de preconceitos que reduzem a história, a cultura de um povo à ridicularização.
2. Tornar aparente o preconceito contra o nordestino a fim de atenuar essa violência tão presente na sociedade brasileira.



**Etapa 1: motivação:**

Caro estudante, já percebeu o quanto a nossa sociedade insiste em manter determinados estereótipos?

**Etapa 2 : leitura e debate dos textos:**

*1-Leitura individual silenciosa*

1.1- Leitura oral coletiva



1.2- Discussão sobre o tema da canção

Ao falar em Nordeste , do que você lembra? E do povo nordestino?

Texto1:

**Etapa 3: Análise textual**

Questões:

1. Observe a linguagem não verbal e descreva a imagem dos interlocutores?

---



---

2. Ao ser solicitado para localizar os personagens do cartum acima em duas regiões brasileiras, você os colocaria em quais regiões? Justifique a sua resposta.

---



---

3. Estereotipar torna-se algo social quando nos referimos a pessoas ou grupos apenas por traços genéricos e na maioria das vezes isso ocorre de forma preconceituosa, tais como se faz com os índios, os moradores de espaços populares, os negros, os nordestinos etc. No texto acima há dois estereótipos: um positivo e outro negativo. Explique-os:

---



---

4. Quando o paulistano pergunta se aquela estrada vai para São Paulo e o interiorano responde que 'não sabe e que se ela for, fará muita falta', o que está escondido nessa resposta é o estereótipo de que todo nordestino é analfabeto, logo não foi capaz de identificar o sentido do verbo "ir" neste contexto. Expresse com as suas palavras a sua opinião sobre essa atitude preconceituosa e, possível cite como exemplo situações que já tenha presenciado no dia a dia.

---



---



---



---

#### **Etapa 4: *Trabalhando a oralidade!***

Hora de debater nossas realidades. Seguem abaixo dois relatos pessoais da Juliette Freire, campeã da edição do BBB21 que acabou no dia 04/ 05/2021: Os dois relatos datam de períodos diferentes do Reality Show, porém o tema é o mesmo: o preconceito linguístico, o social e a estigmatização da participante nordestina.

Textos para leitura e debate:

Texto 2:

Na última terça-feira (2/02/21), a paraibana chamou seus colegas de confinamento para uma conversa séria. "Na verdade, ninguém quer me escutar. A pessoa está com medo porque eu sou diferente. Eu moro no Nordeste", expressou Juliette na ocasião. Ela tentava dizer que se sentia excluída na casa e que percebia alguns colegas imitando e ridicularizando seu sotaque. Para a internet, o que Juliette queria dizer é que estava sofrendo xenofobia.

Fonte: [juliette-esta-sendo-alvo-de-xenofobia-no-bbb-especialistas-explicam.htm](http://juliette-esta-sendo-alvo-de-xenofobia-no-bbb-especialistas-explicam.htm)

Texto 3:

([01:27, 23/05/2021] na madrugada do domingo, 25/04, Juliette, de 31 anos, contou que tem a capacidade intelectual questionada simplesmente por ser nordestina. A conversa aconteceu durante a última festa no BBB 21.

“Eu sou uma pessoa estudada, mas, aonde eu chego, as pessoas me tratam como analfabeta.

Me tratam como matuta, como burra” - desabafou a advogada.

Juliette disse que sente o preconceito quando frequenta lugares da alta sociedade no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Brasília.

(Crédito: Reprodução/Instagram. Juliette contou que tem a capacidade intelectual questionada simplesmente por ser nordestina)

Sugestão de pergunta- problema para debate:



Você já se sentiu excluído por ser diferente ? Fale...

**ANEXO A – DECRETO RIO Nº 47.282 DE 21 DE MARÇO DE 2020****DECRETO RIO Nº 47.282 DE 21 DE MARÇO DE 2020**

Determina a adoção de medidas adicionais, pelo Município, para enfrentamento da pandemia do novo Coronavírus – COVID - 19, e dá outras providências. O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pela legislação em vigor, DECRETA:

Art. 1º O Poder Executivo Municipal adotará as seguintes medidas para contenção do novo Coronavírus, COVID-19:

III - Secretaria Municipal de Educação – SME:

- a) fechamento das escolas municipais até o dia 30 de abril de 2020;(Redação dada pelo Decreto Rio nº 47.356, de 8 de abril de 2020)
- b) disponibilização de aplicativo, para celular, de mecanismo de aprendizagem - Aplicativo SME Carioca 2020, e de computadores, através do endereço eletrônico <https://app.vc/smecarioca2020>;
- c) disponibilização de conteúdos específicos para a plataforma de aulas digitais da Microsoft Teams e a preparação de materiais impressos para fornecimento aos alunos da rede municipal, para realização de tarefas em domicílio;
- d) disponibilização de acesso das plataformas de matemática, pelos sistemas MATIFIC e ALFA E BETO;
- e) solicitação de ampliação da velocidade no ambiente da rede mundial de computadores, para uso de professores e alunos;
- f) disponibilidade de Material de Complementação Escolar no sítio eletrônico [multi.rio/mce](http://multi.rio/mce), com disponibilização de recursos de apoio pedagógico ligados aos conteúdos curriculares dos segmentos de Escolaridade da Educação Básica;
- g) disponibilização do Material Didático Escolar e de conteúdos audiovisuais de entretenimento, através do Portal da MultiRio, no endereço eletrônico [www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br);
- h) fornecimento de mil cestas básicas aos alunos da Rede Municipal de Ensino, cadastrados como integrantes de famílias hipossuficientes.

**ANEXO B – RESOLUÇÃO Nº 003/2020 RESOLUÇÃO Nº 003/2020 – CONSELHO GESTOR, de 02 de junho de 2020**

RESOLUÇÃO Nº 003/2020 RESOLUÇÃO Nº 003/2020 – CONSELHO GESTOR, de 02 de junho de 2020.

Define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

A COORDENAÇÃO NACIONAL DO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS) faz saber que, usando das atribuições que lhe confere,

CONSIDERANDO o enfrentamento da pandemia do Covid 19, no âmbito da esfera acadêmica e, particularmente, na pós-graduação;

CONSIDERANDO o contexto de crise sanitária que impacta a realização das atividades presenciais de intervenção que visam à elaboração do trabalho de conclusão da sexta turma do ProfLetras;

RESOLVE aprovar as seguintes normas:

Art. 1o. Os trabalhos de conclusão da sexta turma poderão ter caráter propositivo sem, necessariamente, serem aplicados em sala de aula presencial.

Art. 2o. O trabalho de conclusão deverá, necessariamente, apresentar um produto (proposta de sequência didática, criação de material didático, desenvolvimento de software etc.) a ser sistematizado a partir, por exemplo, da análise de livros e materiais didáticos, da reflexão advinda de trabalhos de conclusão no âmbito do ProfLetras e da intervenção na modalidade remota.

Art.3o. Os produtos a serem sistematizados devem seguir os diferentes formatos previstos tanto no âmbito do programa quanto aqueles apresentados nos documentos de área.

Art. 4º: Esta Resolução entra em vigor a partir da data de sua publicação.

02 de junho de 2020.

Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves  
PRESIDENTE DO CONSELHO GESTOR